



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LÍGIA ALVES CABRAL

**GRÃOS, LÍQUIDOS E COISAS REDONDAS: UMA PROPOSTA DE
GEOMETRIA DE TRAÇOS PARA CLASSIFICADORES DE INANIMADOS**

Recife

2023

LÍGIA ALVES CABRAL

**GRÃOS, LÍQUIDOS E COISAS REDONDAS: UMA PROPOSTA DE
GEOMETRIA DE TRAÇOS PARA CLASSIFICADORES DE INANIMADOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Letras, apresentado
como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luísa de
Andrade Freitas

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cabral, Lígia Alves.

Grãos, líquidos e coisas redondas: uma proposta de geometria de traços para classificadores de inanimados / Lígia Alves Cabral. - Recife, 2023.

101 : il., tab.

Orientador(a): Maria Luisa de Andrade Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Línguas Indígenas. 2. Teoria e Análise Linguística. 3. Morfologia Distribuída. I. Freitas, Maria Luisa de Andrade. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

LÍGIA ALVES CABRAL

GRÃOS, LÍQUIDOS E COISAS REDONDAS: uma proposta de geometria de traços para classificadores de inanimados

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: 03/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luisa de Andrade Freitas (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu pai

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais. À minha mãe, que sempre foi base e inspiração de ética de trabalho em minha vida; e ao meu pai, que foi o maior apoiador de minhas empreitadas. Além de pai, foi meu melhor amigo, confidente e parceiro de cafês. Infelizmente, não teve a oportunidade de acompanhar a jornada que foi a graduação ou o processo criativo-acadêmico de elaboração desta pesquisa. Por isso, o trabalho é dedicado à sua memória.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Luísa de Andrade Freitas, que esteve comigo *through tough and thin*. Com Malu, trilhei três anos de graduação. Malu é exemplo de compaixão e suavidade no jeito de existir em nosso pequeno universo. Em todas as suas ações, ela mostra como podemos ser mais gentis, não só com os outros, mas também com nós mesmos. Só tenho a agradecer-lá pela paciência; pelo tempo despendido durante essa longa jornada de orientação; pelos conselhos; pela escuta atenta que ofereceu tantas vezes em meus momentos de crise; pelas risadas; pelas caronas; e por mais um mundo e meio de coisas. Que nossos caminhos continuem se cruzando.

Agradeço aos padrinhos desta monografia. À Maurício, com quem compartilhei da experiência de ser megalomaniaca e tentar escrever um TCC; à Lenice, que me ajudou com a revisão do trabalho e esteve comigo em várias madrugadas acordadas, assim como nas cervejinhas do fim de semana; e à Vinícius, que, lá de Campinas, me passou a confiança que precisava em vários momentos e me estimulou a continuar. Se esse trabalho foi escrito, foi graças aos três.

Agradeço aos meus amigos: Mathilde, Eduarda, Giuliana, Gabi, Carlos, Luigi, Rafael (Argentino), Hugo e Lígia. Eles foram a rede de apoio necessária para que esse trabalho fosse possível. Não consigo ser grata o suficiente pela existência deles em minha vida.

Agradeço a minha família. A minha avó Célia, ao meu avô Adalberto (Iú) (*in memoriam*), ao meu tio Adalberto Jr, a minha tia Adalgisa, aos meus primos, João, Filipe, Marcella, Marina e Maria Clara, e ao meu irmão Vítor, que se fizeram presentes durante toda a minha vida. Se sou quem sou hoje, é por conta deles.

Agradeço ao meu psicólogo, Charlyston Noronha.

Agradeço ao professor Marcelo Sibaldo, com quem desenvolvi a Iniciação Científica no último ano da graduação. Obrigada ao professor pelo apoio que sempre demonstrou e por ter aceitado ser parte da banca examinadora. Também agradeço aos professores Emanuel Cordeiro, Natasha Centenaro e Fernanda Galli, por nossas trocas sempre muito proveitosas.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Nomes em Função Classificadora do Munduruku.....	37
TABELA 2 - Classificadores do Munduruku.....	71
TABELA 3 - Alguns classificadores do Kotiria.....	73
TABELA 4 - Classificadores do Mamaindê.....	76
TABELA 5 - Classificadores do Tariana.....	79

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Arquitetura da Gramática na MD.....	54
FIGURA 2 - Representação arbórea abstrata de uma geometria de traços.....	60
FIGURA 3 - Geometria de traços para pronomes.....	60
FIGURA 4 - Geometria de Traços para entes inanimados.....	69
FIGURA 5 - Geometria de Traços do Munduruku.....	70
FIGURA 6 - Geometria de Traços para Kotiria.....	73

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Estrutura máxima de constituintes dos NPs do Mamaindê.....28

QUADRO 2 - Quadro comparativo de traços ativos em quatro línguas.....82

RESUMO

Este trabalho objetivou-se a propor uma geometria dos traços morfossintáticos que engendram classificadores nominais atribuídos a entes inanimados em línguas indígenas brasileiras. Para tanto, empreendeu-se a comparação e análise formal de dados secundários em quatro línguas genética e tipologicamente distintas, e a geometria de traços inspira-se naquela elaborada por Harley e Ritter (2002). A coleta de dados deu-se através da leitura de gramáticas e estudos publicados acerca das línguas selecionadas para o corpus. Os exemplos disponibilizados pelos autores foram compilados em planilhas, as quais posteriormente serviram a comparação. Compõem o *corpus* desta pesquisa, nomeadamente: Mamaindê, família Nambikwara (Eberhard, 2009, 2022); Munduruku, família Munduruku do tronco Tupi (Crofts, 1973; Gomes, 2006, 2010); Kotiria, família Tukano (Stenzel, 2004; Coutinho-Silva, 2014); Tariana, família Arawak (Aikhenvald, 1994, 2003). Para executar a análise formal proposta, recorre-se aos pressupostos teóricos e à arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída (MD) (Halle; Marantz, 1993, 1994, e trabalhos subsequentes). Tal arquitetura pressupõe a explosão do componente lexical em três listas acessadas pela sintaxe no curso da derivação. Inserindo-se na Lista 1, a geometria dará conta de distinções semânticas frequentemente encontradas em sistemas de classificadores, como notado por autores de correntes funcional-tipológicas, como Allan (1977) e Croft (1994), encarando-as como fruto de restrições de traços abstratos dispostos pela Gramática Universal.

Palavras-chave: Classificação Nominal; Classificadores; Geometria de Traços.

ABSTRACT

This research proposes a feature geometric approach for morphosyntactic features found in noun classifiers attributed to inanimate entities in Brazilian indigenous languages. To this end, we undertook the comparison and formal analysis of secondary data in four genetic and typologically distinct languages, and the feature geometry is inspired by that elaborated by Harley and Ritter (2002). Data collection took place through the reading of grammars and published studies about the languages selected for the *corpus*. The examples provided by the authors were compiled in spreadsheets, which later served for the comparing process. Compose the corpus of this research, namely: Mamaindê, Nambikwara family (Eberhard, 2009, 2022); Munduruku, Munduruku branch of the Tupi family (Crofts, 1973; Gomes, 2006, 2010); Kotiria, Tukano family (Stenzel, 2004; Coutinho-Silva, 2014) (Aikhenvald, 1994, 2003). To conduct the aforementioned formal analysis, we used the theoretical assumptions and the grammar architecture of Distributed Morphology (DM) (Halle; Marantz, 1993, 1994, and subsequent works). Such architecture presupposes the explosion of the lexical component in three lists accessed by syntax through the course of derivation. Understood as being a part of List 1, our feature geometry accounts for semantic distinctions often found in classifier systems, as noted by authors of functional-typological tradition such as Allan (1977) and Croft (1994), as the result of constraints of abstract traits placed by the Universal Grammar.

Keywords: Noun Classification; Classifiers; Feature Geometry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - SOBRE A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL	14
CAPÍTULO 2 - CLASSIFICADORES NOMINAIS EM QUATRO LÍNGUAS AMAZÔNICAS	21
2.1 Família Nambikwara	22
2.1.1 Perfil tipológico do Mamaindê	23
2.1.2 Classificadores nominais no Mamaindê	26
2.2 Família Munduruku, Tronco Tupi	29
2.2.1 Perfil tipológico do Munduruku	30
2.2.2 Classificação nominal em Munduruku	32
2.3 Família Tukano	36
2.3.1 Perfil tipológico do Kotiria	37
2.3.2 Classificação nominal em Kotiria	38
2.4 Família Arawak	40
2.4.1 Perfil tipológico do Tariana	42
2.4.2 Classificação nominal em Tariana	43
2.5 Sumário	46
CAPÍTULO 3 - SOBRE A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	48
3.1 Pressupostos teóricos e a arquitetura da gramática	50
3.2 Traços morfossintáticos: como se organizam?	55
CAPÍTULO 4 - POR UMA GEOMETRIA DE TRAÇOS PARA CLASSIFICADORES INANIMADOS	59
4.1 [±SÓLIDO] e suas consequências: uma proposta de geometria de traços	61
4.1.1 Geometria de Traços do Munduruku	65
4.1.2 Geometria de Traços do Kotiria	67
4.1.3 Geometria de Traços do Mamaindê	71
4.1.4 Geometria de Traços do Tariana	74
4.2 Sumário	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	87

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções que não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

Manoel de Barros. O livro das ignoranças

INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda o fenômeno da classificação nominal, objetivando propor uma geometria dos traços morfossintáticos que engendram classificadores nominais atribuídos a entes inanimados em línguas indígenas brasileiras. Constituem o *corpus* da presente pesquisa, nomeadamente: Mamaindê, família Nambikwara (Eberhard, 2009, 2022); Munduruku, família Munduruku do tronco Tupi (Crofts, 1973; Gomes, 2006, 2010); Kotiria, família Tukano (Stenzel, 2004; Coutinho-Silva, 2014); Tariana, família Arawak (Aikhenvald, 1994, 2003).

Classificadores nominais são morfemas que denotam alguma característica observada ou imputada às entidades às quais se referem (Allan, 1977), sendo um dos artifícios empregados nas línguas naturais para a categorização de seus nominais. Por exemplo, em algumas línguas, o nome *café* poderia receber morfemas classificadores distintos para diferenciar o grão da bebida.

Há muito, estudos comparativo-tipológicos de orientação funcionalista tomam nota de possíveis generalizações acerca de distinções semânticas encontradas nos diversos sistemas de classificação nominal. Autores como Allen (1977), Croft (1994) e Aikhenvald (2000) argumentam que a repetição de certas categorias semânticas é explicada pela função desempenhada pelo classificador na construção na qual é gerado. Assim, se o classificador encontra-se em uma estrutura que desempenhe função de posse, este semanticamente teria tendência de explicitar características que tenham a ver com a maneira como algo pode ser possuído, como comestibilidade. No entanto, essa explicação acaba pode incorrer em um excesso de categorias semânticas, com pouco poder de generalização dos diferentes artifícios que subjazem a categorização nominal nas diferentes línguas.

Deslocando a discussão para uma perspectiva gerativista de linguagem, somos levados à seguinte reflexão: se há recorrência de certas distinções semânticas nos classificadores, deve ser possível encará-las como fruto de restrições de traços morfossintáticos dispostos pela própria Gramática Universal (doravante, GU). Em outras palavras, seria possível reduzir a infinidade de categorias semânticas empiricamente atestadas a um número finito de informações abstratas disponíveis no componente computacional? O presente trabalho propõe esta investigação.

Para tanto, a geometria de traços aqui elaborada segue a proposta de Harley e Ritter (2002) para os pronomes. Por conseguinte, esta pesquisa insere-se no quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993, 1994, e trabalhos subsequentes). Ao filiar-se a este quadro, o presente trabalho tem caráter hipotético-dedutivo. Posto isto, tem-se interesse em explicar fenômenos universais ou específicos de determinadas gramáticas, não diretamente dados empíricos observáveis (Rodrigues, 2019). A análise de dados empreendida parte da seguinte hipótese: se os classificadores de línguas não-aparentadas de diversas partes do mundo demonstram com frequência as mesmas distinções semânticas, deve ser possível explicá-las como reflexos de restrições e de estruturas hierárquicas impostas pela Gramática Universal (GU). Sendo assim, este trabalho inscreve-se em uma perspectiva formal de tipologia linguística, precisamente a Tipologia Gerativa Formal (*Formal Generative Typology*) (Baker, 2010).

Metodologicamente, empreendeu-se a comparação e análise formal de dados secundários em quatro línguas genética e tipologicamente distintas. Para tanto, foi realizada a revisão de literatura de gramáticas e estudos publicados sobre as quatro línguas. A partir disso, extraímos os dados utilizados como exemplos pelos autores, onde havia-se manifestação de classificadores, organizando-os em uma planilha do *Google*. Logo, o trabalho limita-se a asserções feitas a partir de dados secundários das línguas.

Entre os esforços realizados, citamos a grande diversidade de tratamentos teóricos com os quais nos deparamos durante a análise dos dados. Além disso, ao cruzar autores diferentes, percebemos que a nomenclatura dos classificadores tende a mudar bastante de um para outro. Quando foi possível, fizemos a comparação das nomenclaturas e adotamos aquela que tinha a explicação mais esmiuçada, para a língua em questão. Foi este o caso, por exemplo, dos classificadores do Mamaindê. Apesar deste trabalho basear-se em peso na gramática de Eberhard (2009), percebemos que a tese de Belo (2013) propõe explicações mais alongadas sobre as categorias e é mais minucioso ao nomeá-las.

Ademais, ao selecionar quatro línguas minorizadas para compor nosso *corpus*, esta pesquisa encaixa-se na tarefa importante de análise teórica das línguas indígenas

brasileiras, contribuindo para a preservação destas línguas e, por consequência, das culturas dos povos que as têm como parte formativa de suas identidades¹.

Estruturalmente, esta monografia organiza-se da seguinte maneira:

O primeiro capítulo introduz o fenômeno da classificação nominal. Inicialmente, dá-se um panorama breve dos estudos acerca de categorização nominal em perspectivas tipológico-funcionais, elencando autores relevantes da área como Allen (1977), Croft (1994) e Aikhenvald (2000). Em seguida, faz-se uma discussão sobre as categorias semânticas frequentemente encontradas em diferentes artifícios de classificação nominal, a partir de observações de Allen (1977), Croft (1994) e Aikhenvald (2000).

O segundo capítulo apresenta as quatro línguas selecionadas para a análise comparativa proposta nesta pesquisa. Sendo estas: Mamaindê, família Nambikwara (Eberhard, 2009, 2022); Munduruku, família Munduruku do tronco Tupi (Crofts, 1973; Gomes, 2006, 2010); Kotiria, família Tukano (Stenzel, 2004; Coutinho-Silva, 2014); Tariana, família Arawak (Aikhenvald, 1994, 2003). Para cada língua, foi elaborado um resumo da família linguística da qual a língua faz parte, assim como um perfil tipológico mais geral, e uma seção tratando do funcionamento dos artifícios de classificação nominal disponíveis.

O terceiro capítulo discute os pressupostos teóricos e arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída, quadro teórico adotado para a análise realizada neste trabalho. Inicialmente, localiza-se a abordagem em um quadro mais geral do tratamento dado à Morfologia dentro de estudos gerativistas, fazendo o percurso da hipótese transformacionalista às correntes construcionistas. Em seguida, discutem-se os pressupostos teóricos e a arquitetura de gramática do modelo, como propostos por Halle e Marantz (1993, 1994, e trabalhos subsequentes). Ao final do capítulo, apresenta-se a proposta de geometria de traços morfossintáticos de Harley e Ritter (2002), a qual inspira aquela elaborada nesta pesquisa.

O quarto capítulo dispõe da análise dos dados secundários das línguas que compõem o *corpus*. Para a análise, é retomada a noção de dimensionalidade, discutida

¹ Segundo Rodrigues (2005), durante o violento processo colonial do Brasil, houve a redução do número de línguas faladas neste território de 1.200 para cerca de 180 línguas, perda que corresponde a 85% da diversidade anterior ao contato com os europeus (Rodrigues, 1993). Àquelas que sobrevivem, as expectativas são pouco promissoras. Em sua maior parte, cerca de 156 destas (Rodrigues, 1993), são faladas por populações com menos de 1.000 falantes, sendo consideradas línguas em grave perigo de desaparecimento. Portanto, a situação das línguas indígenas brasileiras é extremamente grave, o que torna atividades como documentação, análise, classificação e interpretação teórica destas uma tarefa prioritária e urgente da linguística que se faz no Brasil (Rodrigues, 1993, 2005). Neste sentido, o presente projeto encaixa-se no esforço de análise teórica destas línguas.

no Capítulo 1 pela perspectiva de Allan (1977). A partir desta, são propostas as categorias elencadas na análise, assim como a geometria de traços preliminar que engendra os classificadores nominais. Por fim, a geometria é aplicada aos dados das quatro línguas em foco nesta monografia.

CAPÍTULO 1 - SOBRE A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL

Em seu artigo seminal, Allen (1977) dispõe do seguinte significado para classificadores: são morfemas que denotam características imputadas ou salientes acerca das entidades sobre as quais os nominais referem-se, ocorrendo sob condições especificáveis².

No trabalho, o autor faz um levantamento de dados de mais de cinquenta línguas com classificadores provenientes de diferentes continentes, com vias de estabelecer os parâmetros para determinar o que é uma língua com classificadores, e quais tipos de classificadores ela pode assumir. Neste momento, o autor propõe quatro tipos de classificadores, sendo estes: (a) classificadores numerais; (ii) classificadores concordiais; (iii) classificadores predicativos; e (iv) classificadores intralocativos. Como será discutido posteriormente no capítulo, Allan (1977) colocará sete categorias semânticas que engendram os quatro tipos de classificadores.

De acordo com a literatura tipológico-funcional a respeito (Aikhenvald, 2000), estes compõem um *continuum* de artifícios de classificação nominal que pode ser divididos em tipos, a depender de fatores como: local morfossintático no qual o classificador é marcado; o escopo da categorização; concordância; grau de gramaticalização; organização semântica do sistema; entre outros (cf. Aikhenvald, 2000, p. 14-16).

Os artifícios de categorização pautam-se em certas bases semânticas. Muitas vezes, a escolha por um classificador ou outro é opcional, sendo guiada pelo aspecto que o falante deseja chamar atenção no ente referido. Em (1), têm-se exemplos do Mamaindê, língua Nambikwara do grupo Norte que compõe o *corpus* da presente pesquisa. No primeiro dos casos (1a), a junção da raiz para mandioca [*linʔ-*] com o classificador para líquido leva ao entendimento de que se trata de algo com atributos físicos líquidos, portanto uma bebida. Já no segundo (1b), o foco passa a ser o estado de pó no qual a mandioca está para a feitura do beiju.

(1) Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 330)

a. *linʔ-jq-tu*

² “[...] classifiers are defined on two criteria: (a) they occur as morphemes in surface structures under specifiable conditions; (b) they have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristic of the entity to which an associated noun refers (or may refer).” (Allan, 1977, p. 285)

manioc-NCL.LIQUID-FNS
 ‘chicha/sweet manioc drink’
 trad.: ‘chicha/bebida doce de mandioca’

b. *linʔ-nu-tu*
 manioc-NCL.POWDER-FNS
 ‘beijo (tortilla shaped bread from manioc flour)’
 trad.: ‘beijo (tortilha com formato de pão, feita de farinha de mandioca)’

Uma obra importante para os estudos acerca de classificação nominal é o livro *Classifiers*, de Alexandra Y. Aikhenvald (2000). Nele, a autora propõe um tratamento tipológico sistemático para os diferentes mecanismos de categorização nominal, partindo de uma perspectiva funcionalista. Aikhenvald (2000) justifica a necessidade do livro pela falta de uma abordagem global para os diversos sistemas de classificadores descritos nas décadas anteriores. Para tanto, a autora coloca uma série de parâmetros³ a partir dos quais ela estabelece uma tipologia para a categorização nominal. Em seu entendimento, os artifícios de classificação nominal podem ser reduzidos aos seguintes tipos: (i) classes nominais ou gênero; (ii) classificadores nominais; (iii) classificadores numerais; (iv) classificadores possessivos; (v) classificadores relacionais; (vi) classificadores verbais; (vii) classificadores locativos; e (viii) classificadores dêíticos.

Para a presente pesquisa, selecionamos classificadores tipificados por Aikhenvald (2000) como nominais. A autora diz que estes são um tipo de classificação nominal sem concordância, caracterizados por terem como escopo o sintagma nominal (doravante NP, do inglês *Noun Phrase*). Aikhenvald (2000, p. 82) ainda levanta cinco características adicionais para esse tipo de classificador. São estas: (a) a escolha dos classificadores nominais é baseada em questões semânticas, não sendo obrigatório que todos os nominais da língua assumam um classificador; (b) as línguas podem permitir a co-ocorrência de mais de um classificador em um NP; (c) o tamanho do inventário de classificadores em uma língua pode variar, podendo ser um conjunto pequeno e fechado de morfemas, ou um grande e aberto; (d) um nominal pode adotar diferentes classificadores, a depender do que deseja-se salientar sobre o ente referido; (e) os

³ A seguir, os parâmetros estabelecidos por Aikhenvald (2000, p. 14-16): (a) *locus* morfossintático de codificação; (b) escopo, ou domínio da categorização; (c) princípios que coordenam a escolha ou designação dos artifícios de classificação nominal; (d) realização superficial; (e) presença ou não de concordância; (f) marcação; (g) grau de gramaticalização ou lexicalização; (h) interações com outras categorias gramaticais; (i) organização semântica do sistema; (j) evolução e decadência; (k) aquisição e dissolução

classificadores nominais frequentemente podem ser utilizados como anáforas, chegando a se gramaticalizarem como marcadores de função sintática.

Ademais, classificadores nominais estão presentes em uma grande diversidade de línguas, não podendo ser atribuídos a um perfil tipológico específico. Sendo assim, são encontrados em línguas independente do grau de síntese demonstrado por elas, e se marcam núcleo ou dependente. Posto isso, os classificadores nominais são identificados por Aikhenvald (2000) em línguas Mesoamericanas, Austronésias Orientais, Amazônicas, e em línguas isoladas do Leste e Oeste Asiáticos.

Em relação à semântica normalmente adotada por esses classificadores, Aikhenvald (2000) os caracteriza como não sendo semanticamente redundantes, uma vez que delimitam o escopo semântico das raízes aos quais são atribuídos. Com isso, entende-se que estão salientando alguma característica percebida no ente aos quais se referem.

Deslocando a discussão para a semântica percebida nos diversos tipos de classificadores, no Apêndice 2 de *Classifiers*, Aikhenvald (2000) toma nota de nomes que comumente dão origem a classificadores numerais baseados em forma. A autora pontua que, frequentemente, classificadores para objetos redondos são derivados de nomes para *fruta* ou *pedra*. Utilizando seu *corpus*, Aikhenvald (2000) cita ocorrências deste processo em línguas como Kam Muaeng (família Kra-Drai), Khmer (família Austro-Asiática), Tai Dón (família Kra-Drai) e Gorontalo (família Austronésia). O fenômeno também foi observado em classificadores nominais presentes nas quatro línguas analisadas na presente pesquisa. No caso do Tariana (cf. §4.1.4), por exemplo, o classificador para redondo [-da] une-se à raiz para *árvore* [heku-] para formar a palavra *fruta* [heku-da].

Outra procedência recorrente é a raiz de *árvore*, elencada pelos classificadores de *longo* e *vertical*. De acordo com a autora, há ocorrências desta origem em línguas como Indonésio (família Austronésia) e Minangkabau (família Austronésia). Em ambos os casos, a fonte para o classificador de itens longos e verticais é atribuída à ideia de *árvore* ou *tronco de árvore*, sendo aplicado para formar palavras como *graveto*.

Como explicado rapidamente na abertura do capítulo, em *Classifiers*, Keith Allan (1977) analisa um *corpus* com mais de cinquenta línguas com o intuito de definir o que seriam línguas com classificadores, como o Thai (família Kra-Dai), e como estas distinguem-se daquelas que não os tem, como o Inglês (ramo Germânico da família Indo-Europeia). Apesar da grande diversidade de classificadores encontrados entre as

línguas, Allan (1977, p. 297) aponta sete categorias semânticas que aparecem frequentemente. São estas: (i) material; (ii) forma; (iii) consistência; (iv) tamanho; (v) localização; (vi) organização ou arranjo; e (vii) quantificação.

A primeira categoria, material, diz respeito aos classificadores que “[...] fazem referência à essência das entidades aos quais o nominal refere-se [...]” (Allan, 1977, p. 299). A principal distinção de essências ou materiais encontrados entre as línguas é o binário de animacidade (animado ou inanimado). Entre as línguas analisadas neste trabalho, os entes animados normalmente não recebem classificadores. Tanto Mamaindê como Tariana têm classificadores que indicam animado. Entretanto, são de uso bastante pontual.

A segunda categoria, forma, compreende três principais subcategorias dimensionais, de acordo com ele: longo, plano e redondo. Estas são analisadas pelo autor como representantes por excelência das seguintes dimensões: unidimensional, bidimensional e tridimensional. Adentrando a explicação de Allan (1977) sobre cada categoria, ele argumenta que a subcategoria unidimensional é associada a objetos que assemelham-se a cordas e árvores. Já as categorias bidimensionais tratam-se da união de alguma categoria unidimensional com aspectos de consistência, como flexibilidade. Por consistência, Allan (1977) parece elencar o terceiro tipo de categoria listada. Portanto, nesta perspectiva, um classificador que denota apenas cilíndrico seria considerado unidimensional. Enquanto que um cilíndrico rígido, como é visto em [-ba] do Munduruku, é compreendido como bidimensional. Por fim, teria-se a subcategoria tridimensional, que é associada à noção de fruta ou por um classificador genérico. Além destas subcategorias, o autor também toma nota de subcategorias não-dimensionais. São aquelas que transmitem noções de montanhas, fumaça, colinas, entre outras.

Como citado há pouco, a terceira categoria é consistência. Para esta, Allan (1977) propõe as subcategorias flexível, rígido e não-discreto. Nas quatro línguas analisadas neste trabalho, não encontramos ocorrência de rígido e flexível sem estarem associadas a alguma de dimensionalidade, como a forma cilíndrica no caso do Munduruku. Essa falta de independência da consistência também é notada pelo autor. Parece lógico assumir que para que algo tenha consistência, também deve ter alguma dimensionalidade. Com isso, já é possível notar que as categorias semânticas de Allan (1977) não gozam do mesmo status, em termos de ocorrência. Há claramente dependência entre consistência e dimensionalidade.

Para a presente pesquisa, são relevantes as categorias (i), (ii) e (iii). As categorias (vi) e (vii), como notado pelo próprio autor, não estão classificando nominais em termos de suas características inerentes, não sendo confinados às suas ocorrências em línguas com classificadores. Os entes atribuídos a (vi), como um pano dobrado, podem ser compreendidos através das noções de dimensionalidade e consistência. Para que o pano seja dobrado, deve existir espacialmente. Ademais, parece ser uma categoria semântica bastante marcada e assumimos que seja elencada em classificadores menos gramaticalizados. No corpus deste trabalho, a encontramos no Tariana, com o classificador [-ku]. Já (vii) engloba ideias de quantificação, como *um par de itens* ou *uma mão cheia de algo*. Esta não será contemplada nesta pesquisa por sua associação íntima à contabilidade e ao nóculo mais alto de individuação.

No artigo *Semantic universals in classifier systems*, William Croft (1994) argumenta em favor da existência de domínios semânticos utilizados consistentemente pelos sistemas de classificadores das línguas do mundo. O autor então propõe generalizações sobre estas distinções semânticas, entendendo-as como desencadeadas pela função da construção na qual encontram-se. Portanto, ao partir de um olhar funcionalista para o fenômeno linguístico, ele propõe algum paralelismo entre função gramatical e distinção semântica. Com isso, Croft (1994) elabora hierarquias implicacionais para as categorias semânticas de alguns tipos de sistemas de classificadores. Nomeadamente, o autor coloca hierarquias para classes nominais, classificadores numerais, classificadores possessivos e classificadores predicativos.

Para três dos quatro sistemas de classificadores, a maior distinção é feita em termos de animacidade. Classes nominais, classificadores numerais e classificadores predicativos dividem seus classificadores entre os atribuídos para animados e para inanimados. No caso das classes nominais, o autor argumenta que a forma não tem um papel relevante. Em vez disso, propõe que os inanimados seriam divididos em termos de 'natureza', que diz respeito ao pertencimento do classificador a universos semânticos como frutas, plantas, objetos de madeira, entre outros. Para os outros dois sistemas, as categorias de forma, orientação, rigidez e função são frequentes entre os inanimados. Esta pesquisa foca em generalizações possíveis entre entes inanimados. Portanto, vamos nos ater a eles. Neste momento, analisaremos de perto estas duas hierarquias implicacionais.

No que se trata dos classificadores numerais, Croft (1994) elabora a seguinte hierarquia: [Inanimado/Não-humano: Forma > Orientação/Rigidez > Natureza/Função].

Percebe-se que as categorias elencadas pelo autor assemelham-se àquelas propostas por Allan (1977). No entanto, Croft (1994) vem com interesse de compreender como estas se comportam hierarquicamente. A partir de suas análises de línguas e da revisão do trabalho de Kiyomi (1992 *apud* Croft, 1994), diz que a categoria normalmente tida como *forma*, em classificadores numerais, representa a noção de dimensionalidade. Assim como Allan (1977), o autor propõe uma subdivisão em três categorias: unidimensional, ilustrada por classificadores para ‘longo’ e ‘bastão’; bidimensional, que compreende ‘plano’; e tridimensional, para elementos ‘redondos’. Em termos de orientação, Croft (1994) nota que as línguas distinguem entre vertical e horizontal.

Com essas observações o autor postula o seguinte:

Por necessidade lógica, se o sistema distingue objetos por orientação, também os distingue por forma: deve-se pelo menos distinguir extensão (uma ou duas dimensões) para diferenciar orientação. Entretanto, não é logicamente necessário diferenciar forma antes de rigidez [...] É um universal empírico que se o sistema de classificadores numerais distingue entre objetos por sua rigidez, ele também os distingue por forma. (Croft, 1994, p. 153, tradução nossa).

Com isso, o autor captura aquilo já notado nas análises de Allan (1977). Existiria uma relação de dependência entre a ocorrência de categorias de forma e por rigidez. Como dito anteriormente, esta declaração é verdade para as quatro línguas de nosso *corpus*.

Para inanimados de sistemas de classificadores predicativos, a hierarquia implicacional seria: [Inanimado: Forma/Orientação < Individuação, Rigidez]. Diferente daqueles observados para classificadores numerais, Croft (1994) diz que este tipo de classificador não emprega uma distinção entre as três dimensões para forma, adotando apenas categorias como: não-estendido, estendido vertical e estendido horizontal.

Em ambos os trabalhos discutidos nesta seção, fica claro que as manifestações possíveis de classificadores é regida por uma série de restrições. Por exemplo, aquela que diz respeito à existência da noção de rigidez nos classificadores da língua. Em nenhuma língua analisada neste estudo foi encontrado um classificador que tratasse exclusivamente de uma entidade rígida. Sempre que nos deparamos com termos com flexível ou rígido, estavam conjugados alguma categoria que indicasse dimensionalidade ou forma.

CAPÍTULO 2 - CLASSIFICADORES NOMINAIS EM QUATRO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

A paisagem linguística da Amazônia⁴ é marcada por zonas de intensos e contínuos contatos entre comunidades linguísticas indígenas, que parecem ter raízes em dinâmicas pré-Colombianas. Como observado por Epps & Michael (2017), as extensivas interações entre populações levaram a padrões areais em estruturas de línguas geneticamente distintas, criando convergências tipológicas⁵. Em meio às características comuns, a classificação nominal ganha proeminência, com os sistemas de classificadores. Como discutido no primeiro capítulo desta monografia, por algum tempo, esses sistemas eram tidos como *exóticos* e pouco passíveis de generalizações acerca de suas categorias semânticas subjacentes. Com o objetivo de demonstrar a existência de traços morfossintáticos abstratos comuns entre as línguas, este estudo promove uma comparação entre diversos sistemas de classificadores. Neste capítulo, serão apresentadas as quatro línguas selecionadas para a análise comparativa proposta no presente trabalho.

Compõem o *corpus* desta pesquisa os dados secundários de, nominalmente: Mamaindê (Família Nambikwara); Kotiria (Família Tukano); Mundurukú (Família Mundurukú, Tronco Tupi); e Tariana (Família Arawak). Por tratar-se de uma empreitada com intenção tipológica, foram escolhidas línguas não aparentadas, de quatro famílias linguísticas distintas da região amazônica. A análise das línguas baseia-se nos trabalhos de Eberhard (2009, 2022), Belo (2013), Stenzel (2004), Coutinho-Silva (2014), Gomes (2006, 2008, 2010), Crofts (1973) e Aikhenvald (1994, 2003). Os critérios para a seleção deste conjunto são: (i) boa disponibilidade de material bibliográfico, sobretudo gramáticas e estudos descritivos sobre as línguas; (ii) presença de classificadores nominais, seguindo os parâmetros morfossintáticos notados por Aikhenvald (2000).

Para cada língua é dado um resumo sobre a família linguística da qual a língua faz parte, breves informações etnográficas sobre a população que a fala, algumas considerações sobre o perfil tipológico da língua, e uma explanação sobre seus sistemas

⁴ Segundo Rodrigues (2000, p. 1), a Amazônia compreende “[...] toda a área de terras banhadas pelo rio Amazonas e por seus afluentes e subafluentes”, fazendo fronteira, ao oeste, com a cordilheira dos Andes e, ao sul, com o Gran Chaco. Linguisticamente, a região amazônica é uma das mais diversas do mundo, contendo aproximadamente 300 línguas, pertencentes a 50 unidades genéticas distintas (EPPS; SALANOVA, 2012; EPPS; MICHAEL, 2017).

⁵ Para um quadro tipológico estático das línguas amazônicas, a autora recomenda o artigo *A Linguística Amazônica Hoje*, de Epps & Salanova (2012).

de classificadores. Pelo escopo desta pesquisa, cada uma destas representará formalmente a família a qual pertence. Isto se dá pelo limite de tempo disponível para a realização do trabalho. Reconhece-se a necessidade de pesquisas futuras que abarquem línguas de outras famílias linguísticas amazônicas, assim como outros subgrupos das quatro adotadas.

2.1 Família Nambikwara

Segundo Eberhard (2022), tradicionalmente, a família Nambikwara foi dividida em três línguas: (i) Nambikwara do Norte; (ii) Nambikwara do Sul; e (iii) Sabanê. Esta divisão remonta aos relatórios da Comissão Rondon, nos quais são descritos os primeiros contatos com os povos denominados Nambikwaras, e é corroborada por autores como Lévi-Strauss (2021) e David Price (1978 *apud* EBERHARD, 2022). Entretanto, estudos mais recentes, como Eberhard (2009) e Telles (2002 *apud* EBERHARD, 2022), argumentam que Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul seriam dois grandes conjuntos de línguas, em vez de apenas duas línguas distintas. Já a respeito do Sabanê, Reesink (2016, p. 114) diz que é "[...] aquele povo com uma língua ininteligível para com as outras línguas e com certos traços socioculturais particulares que o põem um tanto à margem das grandes linhas socioculturais normalmente pensadas como características dos Nambikwara". Por isso, a língua é colocada fora dos outros dois grandes ramos Nambikwara. Na presente seção, buscou-se focar no conjunto Nambikwara do Norte, que comporta a língua em análise, Mamaindê.

O conjunto Nambikwara do Norte reparte-se em dois subgrupos baseados em áreas definidas por bacias fluviais da região. Às línguas dos povos que acompanham o rio Roosevelt, dá-se o nome Subgrupo Roosevelt. Este compreende Latundê, Lakondê e Tawandê. As línguas faladas por populações que habitavam as cabeceiras dos rios Cabixi e Pardo pertencem ao subgrupo Guaporé, que é composto por Mamaindê, Negarotê e Tawandê. Já o conjunto Nambikwara do Sul é composto por quatro agrupamentos, sendo estes Manduca, Campo, Guaporé e Sararé; e doze variantes, tomando por base a lista de Telles e Wertz (2011 *apud* Eberhard, 2022).

Em termos de estrutura gramatical, partindo do trabalho de Lowe (1999) para o livro *The Amazonian Languages*, as línguas Nambikwara têm em comum: (i) serem línguas de núcleo marcado e altamente aglutinantes; (ii) adotam predominantemente sufixos, apesar de alguns prefixos existirem; (iii) têm como principal ordem básica de

constituintes SOV, tendo as relações de A, S e O marcadas por sufixos pronominais no verbo; (iv) nominais frequentemente adotam classificadores sufixados à raiz.

Os Mamaindê são um dos povos Nambikwara que habitam a Terra Indígena Vale do Guaporé, localizada no estado do Mato Grosso. Segundo dados do site Terras Indígenas no Brasil, o território compreende 243 mil hectares e, no censo do IBGE de 2010, tinha uma população de 482 pessoas.

2.1.1 Perfil tipológico do Mamaindê

Antes de tratar da classificação nominal propriamente dita, faz-se necessário dar um panorama sobre o funcionamento morfossintático da língua. Nesta seção, é proposto um breve perfil tipológico para o Mamaindê, a partir de escritos de Eberhard (2009, 2022). Inicialmente, é dado um breve resumo da tipologia morfológica e sintática da língua. Em seguida, é apresentada a estrutura dos nominais.

Em termos de partes do discurso, segundo Eberhard (2009), Mamaindê tem verbos, nominais, advérbios, conjunções e interjeições. De acordo com o autor (Eberhard, 2009, p. 303), morfológicamente, Mamaindê é uma língua altamente polissintética. Com isso, entende-se que as palavras da língua acumulam uma grande quantidade de morfemas, sendo capazes de codificar uma diversidade de informações semânticas através de múltiplas afixações às raízes. Na escala fusional, a língua é bastante aglutinante, uma vez que muitos de seus morfemas correspondem a um único significado. Por fim, tanto em nominais como verbos, afixos derivacionais tendem a aparecer mais próximos à raiz do que afixos flexionais (Eberhard, 2009, p. 305), corroborando a expectativa do Universal 28 de Greenberg (1966).

Sintaticamente, tanto sintagmas nominais como verbais no Mamaindê são núcleo final (Eberhard, 2009, p. 497). Com isso, percebe-se uma maior quantidade de sufixações do que prefixações em ambos os casos. Em sintagmas nominais, a posse é marcada no núcleo. Em (2), têm-se exemplos em que existe um possessor no DP (1a; 1c) e em que há um quantificador (1b).

(2)

a. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 498)

'Antonio'-soʔkã na-ʔaik-tu nahohntoʔ aat-lat^ha-Ø-wa.

Antonio-NCL.HUM PS3-field-FNS very big-S3-PRS-DECL

Antonio's field is very big.

trad.: 'O campo de Antônio é muito grande'

b. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 499)
kajauka kanih jgu-lat^ha-Ø-wa
 white.man many. to.be-S3-PRS-DECL
 There are many white men (non-Indians).
 trad.: ‘Existem muitos homens brancos (não-indígenas)’

c. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 499)
Paulo-soʔka na-sih-ã wi-lei-a-nãn-wa.
 Paulo-NCL.HUM PS3-house-FNS enter-I.PST-S1-PST-DECL
 I entered Paulo’s house.
 trad.: ‘Eu entrei na casa de Pedro’

Em (1a), por exemplo, o núcleo do sintagma nominal é [na-ʔaik-tu], que é antecedido pelo possessor ‘Antonio’-soʔkã’. Por ser a cabeça do sintagma, ‘na-ʔaik-tu’ tem em sua composição o prefixo de posse de terceira pessoa do singular, ‘-na’. Existindo apenas o quantificador, este é a cabeça do sintagma, como é o caso de (1b), onde ‘kanih’ torna-se cabeça. Em (1c), o possessor [Paulo-soʔka] atua como cabeça do NP, precedendo o dependente [na-si-ã], que é marcado com o prefixo de posse de terceira pessoa do singular, como visto em (1a).

Nos três casos de (1), vê-se que o verbo encontra-se em posição final, algo comum em línguas de tendência núcleo final. Segundo Eberhard (2009), isto se mostra de maneira pervasiva na língua, quando a sentença conta com nomes foneticamente realizados. Em sentenças intransitivas, a ordem básica de constituintes adotadas é SV, e, em sentenças transitivas, é SOV. Ademais, de acordo com Eberhard (2009, p. 514), “Mamaindê também satisfaz a maioria dos universais em nível frasal para línguas núcleo final”.

Sobre os nomes, Eberhard (2009, p. 324) diz que “O nome prototípico em Mamaindê pode existir formalmente como núcleo de um sintagma nominal, e funcionalmente como o sujeito ou objeto da cláusula”. Diferente dos verbos, nominais em Mamaindê não têm afixos obrigatórios. Apesar dos nomes geralmente serem compostos da raiz e pelo menos um afixo, como em (2b), as raízes podem aparecer sozinhas, como morfemas livres (2a). Em sua estrutura máxima, os nominais podem ter até nove afixos (cf. Quadro 1).

(2) Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 328, grifo nosso)

a. **mãñ?**
 hill/mountain

(trad.: montanha/colina)

b. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 325, grifo nosso)

<Paulo>-soʔkã

Paulo-NCL.HUM

Paulo

c. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 305, grifo nosso)

wa-**jainsa**-kanĩn-nãʔã-leʔi-ijah-tu

PS2-food-NCL.ROUND-PL-PST-DEM-FNS

those your previous seeds/your previous fruit (trad.: estas suas antigas sementes/suas antigas frutas)

d. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 330, grifo nosso)

mamãinsa-toʔ-soʔki-tu

Mamaindê-AUTH-NCL.HUM-FNS

a true Mamaindê person (trad.: uma pessoa verdadeiramente Mamaindê)

e. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 328, grifo nosso)

nũsa-**jahon**-nãʔã-nu-tu

PS1.PL-old.man-PL-FUT-FNS

our old men in the future (trad.: nossos homens velhos do futuro)

QUADRO 1 - Estrutura máxima de constituintes dos NPs do Mamaindê

PS	RAIZ	AUTH	NCL	GND	PL	TMP	DEM	INCL/RST	FNS
- 1			-VÁRIOS	- Ø		- PST			
- 2				- FEM		- FUT			
- 3									
- 1.PL									

Fonte: Eberhard, 2009, p. 327

A partir dos exemplos em (2), é possível discutir brevemente as categorias adotadas pelos nomes do Mamaindê. Neste momento, será feita esta discussão sobre a formação de sintagmas nominais nesta língua, sem tocar ainda nos classificadores, os quais serão tratados na próxima seção.

O único prefixo que nominais podem tomar é a marca de posse, indicada nos nomes pela adição do prefixo de pessoa. Em (2e), por exemplo, tem-se a adição do marcador de posse de primeira pessoa do plural acrescido antes da raiz [-*jahon-*], “homem velho”. Já em (2c), a raiz [-*jainsa-*], “comida”, é prefixada com a marca de posse de segunda pessoa, [-*wa-*]. Os nominais também podem carregar a marca de autenticidade. Segundo Eberhard (2009, p. 329), “ao adicionar o sufixo nominal /-*toʔ*/ ‘autêntico/verdadeiro’ em uma raiz nominal, o falante enfatiza a autenticidade do nome sendo descrito”, como ocorre em (2d). Nos exemplos e no diagrama da estrutura máxima de constituintes do NP, encontrados na gramática de referência (Eberhard, 2009), a autenticidade sempre é o sufixo mais próximo à raiz nominal. Ao fim das construções nominais em Mamaindê, é comum a adoção de um sufixo nominal final (*Final Nominal Suffix*). Eberhard (2009) explica que estes, em um momento anterior da língua, seriam marcações de definido e indefinido. Entretanto, com o tempo, perderam boa parte de seu significado. No presente da língua, são utilizados em diversos nominais de maneira não marcada. Entretanto, o autor tem dificuldades de atribuir uma função ao morfema.

2.1.2 Classificação nominal em Mamaindê

Dentre as estratégias de classificação nominal descritas por Aikhenvald (2000), o Mamaindê elenca classificadores nominais. Eberhard (2009) diz que os estes só são obrigatórios em alguns nomes da língua, quando estes estão mudando o sentido da base semântica da palavra. Em outros casos, o classificador acaba por ser redundante e, portanto, opcional. No total, o Mamaindê tem 24 classificadores nominais.

Quanto à função na língua, Eberhard (2022) explica que o principal papel dos classificadores é funcionar como adjetivos, sendo afixados às raízes nominais para criar nomes compostos que descrevam o referente de maneira mais detalhada. Entretanto, parece justo notar o papel de individuação dos nomes que é realizado pelo classificador. De alguma maneira, os classificadores licenciam os nominais aos quais são atribuídos. Isso se justifica pela inabilidade de certas raízes ocorrerem sem classificadores.

Na tabela do Anexo A, apresentam-se aqueles identificados por Eberhard (2009, 2022). Destes classificadores, alguns podem ganhar *status* de nome, funcionando como raízes nominais. Em (3), apresentamos exemplos de estruturas que normalmente funcionam como classificadores sendo elencadas como raízes. Já em (4), têm-se

exemplos destas mesmas formas em sua função mais comum de classificadores nominais.

(3)

a. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 335, grifo nosso)

teh-tu

road-FNS

‘road’

(trad.: rua/via)

b. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 335, grifo nosso)

hen-tu

time-FNS

‘time’

(trad.: tempo)

(4)

a. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 332, grifo nosso)

lan-**teh-tu**

full of liquid-NCL.STRING-FNS

string/road full of liquid (veins)

(trad.: corda/via cheia de líquido (veias))

b. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 334, grifo nosso)

waʔjona-**hen-tu**

menstruate-NCL.TIME-FNS

‘the time of menstruation’

(trad.: o tempo da menstruação)

Em (4), os classificadores [-*hen*] e [-*teh*] delimitam ou chamam atenção para as características das raízes aos quais são afixados diretamente. No caso de (4a), nota-se que aquilo que é cheio de líquido tem formato de uma corda ou uma estrada, portanto uma veia. Já (4b) apresenta uma especificação para a menstruação. Quando aplicado o classificador [-*hen*-], entende-se que trata-se do tempo em que se está menstruando. Caso o classificador fosse o de *coisa*, [-*tʰã*-], estaria-se falando da tenda especializada para pessoas menstruadas.

Nos voltando aos exemplos em (3), na gramática da língua, Eberhard (2009) cita quatro classificadores que podem acontecer sozinhos, mas não comenta muito sobre estas ocorrências. Apenas sugere que, em casos como os de (3), há a possibilidade destas serem raízes nominais que oras funcionam como classificadores, ocorrendo afixados em outras raízes como uma composição. Isto não seria incomum entre classificadores nominais. Como será visto em 2.2, no Munduruku, parece ser comum

que pelo menos um recorte dos classificadores fiquem entre morfemas dependentes e raízes propriamente ditas.

Secundariamente, como é comum em línguas com este tipo de mecanismo, os classificadores do Mamaindê são usados como substitutos anafóricos. A partir do momento que um nominal é introduzido, ele pode ser substituído anaforicamente por seu classificador. No exemplo (5), o nominal [*na-halo-k^{hu}*], ‘a terra dos Nagoretê’, é introduzido na primeira linha. A partir deste momento no discurso, ele pode ser substituído inteiramente por [*na-k^{hu}*], a união do possessivo com o classificador para terra.

(5) Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 336, grifo nosso)
 nakatos-tu **na-halo-k^{hu}** un-jeʔ-lat^{ha}-Ø-wa.
 Negarotê-FNS PS3-NCL.LAND far-EMP-S3-PRS-DECL
 The land of the Negarotê is very far away.

nãinʔtoh, **na-k^{hu}** naih ʔai-ten-aʔ-Ø-wa.
 CN.EVEN.SO PS3-NCL.LAND still go-DES-1P-PRS-DECL
 Even so, I’m still intending to go to their land.

(trad.: A terra dos Negoretê é bem distante. Apesar disso, eu ainda tenho intenção de ir para a terra deles.)

Também é comum que classificadores sejam utilizados para nominalizar verbos na língua (Eberhard, 2022). Isto ocorre quando o classificador é acrescido à raiz verbal. O autor (Eberhard, 2009) diz que a forma genérica [-t^{hã}], ‘coisa’, é muito elencada em nominalizações. Em (6), têm-se exemplos deste uso secundário. Em (6a), o classificador nominaliza o verbo para ‘ser quente’, atribuindo a ele a condição de algo plano. Portanto, cria algo quente e plano, que é entendido na língua como um pano ou roupas. Já (6b) adota o classificador para som e faz entender que o algo que o indivíduo trouxe foi uma fala. Por fim, (6c) utiliza o classificador genérico de coisa para se referir à ‘coisa que é estar vivo’, ou ‘vida’.

(6)
 a. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 486, grifo nosso)

mãn-**kalo**-tu
 be.hot-NCL.FLAT.THING-FNS
 ‘flat hot thing/cloth/clothes’

(trad.: Coisa quente e plana/pano/roupas)

b. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 486, grifo nosso)

na-tu-t-wa-sa-sihale?i-tu
 PS3-get-CN-come-NCL.SOUND-ANC-FNS
 ‘the speech that he brought a long time ago’
 (trad.: A fala que ele trouxe há muito tempo)

c. Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 487, grifo nosso)
 kateunta-t^hã-tu
 be.alive-NCL.THING-FNS
 life
 (trad.: Vida)

2.2 Família Munduruku, Tronco Tupi

As línguas Munduruku e Kuruaya, compõem a família Munduruku (Rodrigues, 1986). Esta é uma das dez famílias que formam o Tronco Tupi, um dos maiores agrupamentos genéticos da América do Sul. Para os fins deste trabalho, analisaremos a língua Munduruku.

Dando um panorama gramatical das línguas Tupi, conforme Rodrigues (1999, p. 114), pode-se dizer que: (i) são línguas de núcleo marcado e ligeiramente aglutinantes; (ii) seus nominais carregam prefixos que marcam inalienabilidade; (iii) a ordem básica de constituintes predominante é SOV; (iv) não têm comumente sistemas de gênero gramatical, embora sistemas de classificadores possam ser encontrados em línguas como Karo e Munduruku; (v) têm prefixos pronominais marcados em verbos.

Ao longo dos mais de duzentos anos de contato com os não indígenas, os Munduruku firmam-se no imaginário popular como um povo guerreiro, dedicado ao enfrentamento do empreendimento colonial. Apesar de se autodenominarem *Wuy jugu*, são conhecidos como Munduruku desde o fim do século XVIII. O termo seria uma denominação pejorativa dada por seus inimigos tradicionais, os Parintintin. Traduzindo, o nome significa “formigas gigantes”, que faz “[...] alusão aos guerreiros Munduruku que atacavam em massa os territórios rivais, como tal tipo de formiga” (Martines, 2007, p. 16).

Há registros do século XIX de seu domínio cultural e bélico do Vale do Tapajós. Entretanto, com o estabelecimento de relações com os não indígenas, inicia-se o declínio populacional. Em consequência de processos como a Guerra dos Cabanos,

exploração da Amazônia na segunda metade do século XIX e outros ataques aos quais foram submetidos, “[...] dos pouco mais de dezoito mil habitantes Munduruku, chegaram ao limiar do século XX apenas mil e quinhentos” (Martines, 2007, p. 18). Após esse período, como exploraram Henrique e Oliveira (2021), os Munduruku passam algum tempo sendo tutelados por missionários franciscanos, e, em sequência, passam a ser tutelados pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que visava transformá-los em trabalhadores nacionais. Durante os próximos anos, mobilizam-se, criando estratégias de convivência e enfrentamento de imposições autoritárias do Estado brasileiro. Após décadas de luta coletiva, os Munduruku têm seu território demarcado em 2002, e homologado em 2004 (HOMOLOGADA, 2004).

Confiando-se em dados de 2014 (Ramos, 2021), a população Munduruku contabiliza 13.755 pessoas. Estão divididos em aldeias às margens do Tapajós e seus afluentes, concentrando-se nos estados de Pará, Amazonas e Mato Grosso. A maior parte da população vive na Terra Indígena Munduruku, no município de Jacareanga (PA). Em termos de organização social, os Munduruku distribuem-se em “[...] 38 clãs, divididos em duas metades exogâmicas: a branca e a vermelha” (FUNAI; PPTAL; GTZ, 2008, p. 75)⁶. De acordo com os mesmos autores (ibidem), a regra de residência é matrilocal, enquanto a descendência clânica é patrilinear.

2.2.1 Perfil tipológico do Munduruku

Na *Gramática Mundurukú*, Crofts (1973) aponta que o Munduruku tem nove classes de palavras: pronomes, advérbios, relatores, substantivos, verbos, demonstrativo-locativos, tempo verbal, nomes numerais e aspecto. Já Gomes (2016) dirá que em Munduruku tem-se dois grandes grupos de palavras “[...] as que ocorrem com pronomes clíticos e prefixos relacionais e as que não ocorrem com eles. Ao primeiro grupo, pertencem nomes, verbos e posposições. Ao segundo, pronomes livres, advérbios, palavras interrogativas, partículas, interjeições e ideofones” (Gomes, 2016, p. 263). A divisão do autor pauta-se na ocorrência ou não das palavras com pronomes

⁶ Seguindo aquilo estabelecido por Lévi-Strauss (2012), esta seria uma organização dualista, na qual os membros de certa comunidade distribuem-se em duas metades que mantêm entre si relações complexas. Normalmente, os dois grupos vão da cooperação à rivalidade, e estão ligados uns aos outros pela troca de mulheres e fornecimento ou retribuição de serviços recíprocos. A distribuição pode regulamentar os casamentos, sendo obrigatório que homens escolham mulheres da outra metade para casarem-se. Por isso, chamam as metades de exogâmicas.

clíticos e prefixos relacionais. Apenas a primeira classe, que compreende nomes, verbos e posposições, exigem os clíticos e afixos.

De acordo com Gomes (2006), o Munduruku é uma língua de núcleo marcado. Portanto, os predicados são marcados e os argumentos não, como em (1), no qual o verbo [*o'=y-aoka*] concorda com o sujeito em terceira pessoa, [*agokatkat*]. Nos trabalhos lidos (Gomes, 2006, 2008, 2010, 2016), o autor não comenta se o Munduruku tem preferência por prefixações ou sufixações. Partindo dos dados disponibilizados por ele, é possível inferir que a língua não tem preferência clara. Em termos de ordem básica dos constituintes, Gomes (2006) explica que SOV é a mais comum, como exemplificado em (1), mas a língua apresenta bastante flexibilidade neste ordenamento.

(1) Munduruku (Gomes, 2006, p. 74)

agokatkat	wida	o'=y-aoka
homem	onça	3S=R2-matar.PRF
S	O	V

‘O homem matou a onça.’

Quanto ao alinhamento de caso, Gomes (2016) nota que, em sentenças transitivas, a língua alterna entre marcar morfologicamente sujeito transitivo ou objeto transitivo, através da prefixação de pronomes clíticos pessoais nos VPs. A alternância é pautada pela classe do verbo, sendo este estativo ou processual, e é manifestada na seleção de pronomes clíticos pessoais. Isto indica que Munduruku é uma língua com cisão de tipo *split-S* (Gomes, 2016, p. 275).

Falando dos nominais, os nomes Munduruku constituem uma classe aberta e desempenham as funções de sujeito, objeto, objeto de posposição, modificador de outro nome e núcleo de predicado nominal (Gomes, 2006). Em termos de sua estrutura, os nomes podem exigir, ou não, um argumento interno obrigatório, como acontece com [-ba] ‘*braço*’ em (2a). Em (2b), tem-se o exemplo de quando o argumento interno não é obrigatório, como é o caso de [wamðat] ‘*pajé*’.

(2)

a. Munduruku (Gomes, 2016, p. 273)

[[<i>Biboy Ø-ba</i>]	
Biboy	R1-braço

‘O braço de Biboy’

b. Munduruku (Gomes, 2016, p. 273)
 [wamõat] [o'=ajẽm]
 pajé 3-S=chegar.PRF
 “O pajé chegou.”

A língua divide seus nomes em duas classes: inalienáveis e alienáveis. Os primeiros ocorrem obrigatoriamente com marcadores clíticos de pessoa e prefixos relacionais⁷, pela obrigatoriedade de estes serem possuídos. Já os outros não têm possuidor inerente. Quando desejam utilizar nomes alienáveis como possuídos, adota-se o mesmo paradigma pessoal dos alienáveis em conjunto com o morfema alienador [-e].

Ademais, os nomes podem ter os seguintes morfemas: plural [-yu]; instrumental [-m]; finado ou privativo [-'u)m]; abandonado [-buk]; futuro nominal [-m]; grande ou coletivo [-xiri]; e pequeno ['u)n'u)n].

2.2.2 Classificação nominal em Munduruku

Entre os nomes de posse inalienável do Munduruku, há um conjunto de nominais chamados raízes classificadoras (Crofts, 1973, p. 86) ou *nomes em função classificadora* (NFC) (Gomes, 2006, 2010).

Na gramática de Crofts (1973, p. 86), a autora as define como um conjunto de mais de cinquenta raízes substantivas inalienavelmente possuídas que classificam objetos de acordo com suas características físicas. Em muitos casos, são raízes que dizem respeito a partes do corpo. Crofts (1973) notou também que podem funcionar como radicais completos, apesar de não ser algo frequente. O estudo divide essas raízes fonologicamente em três classes, das quais a função classificadora acontece em apenas duas. Ademais, a autora já observava que essas raízes “[...] se incorporam em nomes numerais, demonstrativos-locativos e verbos num sistema de concordância” (Crofts, 1973, p. 86).

Em trabalhos desenvolvidos por Dionei Gomes (2006, 2010), o autor revisita essas raízes, assim como a literatura que trata delas. Gomes (2006, 2010) mostra que o paradigma de classificadores é bem menos extenso do que pensado anteriormente por

⁷ A chamada flexão relacional é uma das características morfológicas comuns entre línguas do tronco Tupi. Esta é definida por Rodrigues (2012, p. 267) como “[...] um jogo de dois a quatro prefixos que ocorrem nos nomes, nos verbos e nas posições para indicar o status sintático destes em relação a seus determinantes ou dependentes.”. Os prefixos relacionais do Munduruku indicam contiguidade (R1), quando o determinante precede imediatamente o determinado; e não-contiguidade (R2), quando o determinante não precede imediatamente seu núcleo, portanto não há uma relação estrutural de contiguidade, apesar de, superficialmente, estarem justapostos.

autores como Crofts (1973), e diz que “o uso de [NFC] não tem caráter sistemático” (Gomes, 2006, p. 180). Em sua tese (Gomes, 2006), ele faz uma descrição destes NFC, a fim de determinar seu real alcance. A partir dos NFC ou classificadores nominais identificados e analisados por ele, o presente trabalho tirará os dados relevantes para testar a geometria de traços proposta no Capítulo 4.

Como dito há pouco, os NFCs vêm de nomes de partes, portanto de posse inalienável. Enquanto classificadores, estes informam a forma do objeto designado. Por serem de posse inalienável, podem adotar os prefixos relacionais de contiguidade (R1) e não-contiguidade (R2).

Em (3), oferecemos exemplos de dois tipos de NFCs descritos por Gomes (2006, 2010). São estes os NFCs que constituem um sintagma nominal (nomes independentes) e os que constituem um composto (nomes dependentes). A distinção se dá por características morfossintáticas e em termos de escala de lexicalização (cf. Gomes, 2010, p. 18). Em (3a), tem-se um exemplo do primeiro tipo de NFC, o qual faz uso de prefixos relacionais. Neste caso, prefixos de classe I, respectivamente \emptyset - (R1) e *i*- (R2). Quanto ao classificador, [-*bu*], este tem sentido de cilíndrico e flexível, nos dizendo algo sobre a forma imputada pelos Munduruku à cobra. Como será dito posteriormente, é o sentido metafórico dado a [-*bu*]. Quando utilizado como nome de parte, em contextos sem função classificadora, significa ‘dedo’. O paradigma de NFCs será apresentado por completo na Tabela 1.

(3)

a. Munduruku (Gomes, 2010, p. 11)

<i>[[puy]</i>	\emptyset - <i>bu]</i>	<i>i</i> - <i>bu-pakpak</i>	
	cobra	R1-NFC	R2-NFC-ser.vermelho

‘A cobra é vermelha’

b. Munduruku (Gomes, 2010, p. 18)

toayabu
‘rabo, cauda’

Gomes (2010, p. 24) diz que “[...] os nomes que desempenham função classificadora em Munduruku são núcleos dos sintagmas nominais [...]”. Em casos como (3a), quando os NFCs não estão em composição, tem-se um sintagma nominal, formado entre o nome e o NFC. Também podem constituir sintagmas com quantificadores, demonstrativos, nominalizações e outros nomes inalienáveis. Nestas

circunstâncias, como dito anteriormente, o núcleo é tomado por seu sentido metafórico, não mais sendo um nome de parte, e perdendo sua autonomia lexical. Com isso, não pode ocupar sozinho uma função argumental, mas pode participar de retomadas anafóricas, sendo um nome independente com função classificadora.

Já em (3b), tem-se um composto com NFC. Assim, o nome não tem morfologia relacional, uma vez que o NFC perdeu sua independência morfológica, sendo uma situação de grau máximo de lexicalização, segundo o autor (*idem.*). Assim como usos de NFC que não formam composto, o núcleo é tomado em seu sentido metafórico. Entretanto, não participam de retomadas anafóricas. Este é um nome dependente com função classificadora.

De acordo com Gomes (2006), o Munduruku tem oito nomes que podem desempenhar a função classificadora. A seguir, a Tabela 1 mostra o pequeno paradigma e alguns exemplos:

TABELA 1 – Nomes em Função Classificadora do Munduruku

NFC	significado primitivo	significado derivado	exemplos
<i>-bu</i>	‘dedo’	cilíndrico e flexível	<i>ixi bu</i> ‘cipó’ <i>puy bu</i> ‘cobra’
<i>-a</i>	‘cabeça’	arredondado	<i>uk’a</i> ‘casa’ <i>watão’a</i> ‘bem-te-vi’ <i>barão’a</i> ‘balão’
<i>-uk</i>	‘barriga’	oco	<i>kio uk</i> ‘flauta’ <i>mãgera uk</i> ‘mangueira (de água)’
<i>dup</i>	‘folha’	foliforme	<i>warepupu</i> ‘borboleta’ <i>koykoy dup</i> ‘remo’ <i>ako dup</i> ‘folha de bananeira’
<i>da</i>	‘semente’	graniforme	<i>poro da</i> ‘carrapato’ <i>kape da</i> ‘grão de café’
<i>-ip</i>	‘pau’	em forma de pau	<i>rapi ip</i> ‘lápiz’ <i>ako ip</i> ‘pé de bananeira’
<i>dot/tot</i>	cacho	objetos que possuem agrupamento semelhante a um cacho	<i>ibi dot</i> ‘enfiada de peixes’ <i>ka’õn tot</i> ‘vassoura’ <i>mura dot</i> ‘escova para lavar roupa’

-ba	braço	cilíndrico e rígido	<i>kamuxa ba</i> ‘camisa de mangas compridas’
-----	-------	---------------------	---

Fonte: Adaptado de Gomes (2006)

A Tabela 1 é uma adaptação da lista disponibilizada em Apêndice por Gomes (2006). Ao analisar o quadro original, parece que [-a], ou arredondado, pode ser um dos NFCs mais produtivos, por ser aquele com maior número de exemplos.

Conforme Gomes (2006, 2010), não há diferença entre a estrutura interna de sintagmas nominais que tem NFCs e nomes em função não-classificadora. Uma distinção entre os usos deste paradigma de nomes é a possibilidade ou não de incorporação por subida. Este processo é definido como “[...] a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, tendo como resultado um composto” (Gomes, 2010, p. 14). A incorporação por subida não acontece em NFCs. Estes podem incorporar-se apenas por repetição. Quando são nomes independentes, apenas o NFC é incorporado. Quando estão em compostos, como (3b), o composto inteiro é incorporado.

A outra distinção entre nomes com e sem função classificadora é semântica. Conforme (3), os NFCs são núcleos com sentido metafórico ou derivado. Quando não têm função classificadora, são utilizados como nomes de parte. Portanto, os núcleos podem ser tomados em seus sentidos literais, como em (4a), no qual [ba] tem o significado primitivo ‘braço’. Com isso, o grau de lexicalização entre o nome e seu dependente é zero. Já em (4b), o núcleo tem sentido metafórico, ‘cilindro rígido’, mas ainda funciona como nome de parte, ‘o braço da bananeira’.

(4) Munduruku (Gomes, 2010, p. 18)

a. *Biboy ba*

Biboy Ø-braço

‘braço de Biboy’

(Gomes, 2010, p. 18)

b. *ako ba*

bananeira Ø-cilindro.rígido

‘banana’ ou ‘braço da bananeira’

(Gomes, 2010, p. 18)

Analisando os NFCs a partir de parâmetros tipológicos de Grinevald e Seifart (2004) e Dixon (1986), Gomes (2010, p. 23) conclui que estes compõem “[...] um sistema de classes de nomes em estágio emergente e pouco gramaticalizado [...]”. Também nota que:

os marcadores de classificação nominal estão, simultaneamente, presentes no nome, nos verbos (incorporados quando o classificador se encontra em um argumento absoluto), e nos sintagmas nominais com pronomes quantificadores (numerais e indefinidos) e pronomes demonstrativos, sendo seu núcleo. (Gomes, 2010, p. 23)

Com a análise, Gomes (2010) diz que os NFCs têm características de classificadores e classes nominais, segundo os critérios de Dixon (1986). No presente trabalho, assumiremos que os NFCs compõem um paradigma de classificadores nominais. O autor ainda defende que os NFC do Munduruku não estariam em processo de concordância, por sua presença em verbos ser vista como uma incorporação nominal.

2.3 Família Tukano

A família Tukano é um dos agrupamentos genéticos de línguas faladas no Noroeste Amazônico. Conforme Chacon e Cayón (2013), a área situa-se em regiões de fronteiras entre Brasil e Colômbia, compreendendo os rios Iça, Uaupés, Içana, e seus tributários. O agrupamento compreende 29 línguas, das quais oito provavelmente estão extintas (Chacon, 2014). A família consiste de dois grandes ramos: o Tukano Oriental e o Tukano Ocidental.

De acordo com Stenzel (2004), os falantes dos dois lados da família mantêm pouco contato entre si. O grupo Ocidental consiste de quatro línguas faladas em territórios da Colômbia, Equador e Peru: Koreguahe, Koya, Siona e Maihiki. Adotando dados de Barnes (1999 *apud* Stenzel, 2004), as línguas deste grupo contabilizam cerca de 3,000 falantes. Já o grupo Oriental é formado por 18 línguas, que são faladas por estimadas 28,000 pessoas, no estado brasileiro do Amazonas e no departamento colombiano dos Vaupés (Stenzel, 2004). A presente seção foca em aspectos etnográficos e linguísticos do Tukano Oriental, uma vez que a língua selecionada para a análise e comparação realizadas neste trabalho é deste ramo da família.

As comunidades que falam línguas do grupo Tukano Oriental ficaram conhecidas na literatura linguística e etnográfica por participarem do complexo sistema cultural e linguístico da região do Uaupés. De acordo com Epps e Michael (2017), a área é uma zona de contato intensiva, em que diversos grupos se assemelham em termos de cultura material e em práticas rituais. Isto gera uma certa homogeneidade cultural na região. Entretanto, o sistema é marcado pela manutenção das identidades distintas das unidades que vivem em interação na área. Entre os mecanismos para marcar as

diferenças, chama-se atenção para o papel da língua. Apesar da homogeneidade cultural, as mais de vinte línguas da região mantêm suas especificidades fonológicas e morfossintáticas. Esta manutenção pauta-se na associação feita entre língua e pertencimento a certo grupo. Muitos grupos étnicos da área, conhecidamente, praticam exogamia linguística – a obrigatoriedade de casamento entre grupos linguísticos distintos (Epps; Michael, 2017). Essas regras maritais giram em torno de unidades exogâmicas patrilineares, a partir das quais o indivíduo é tido como pertencente ao grupo étnico da linha paterna. Portanto, é esperado que este tenha como língua principal a da ascendência paterna. Nestas regras, impõe-se que o casamento deva ocorrer entre indivíduos de ascendências distintas, formando casais bilíngues. Neste processo, se tem contato desde a infância com pelo menos duas línguas. Conforme Aikhenvald (2002 *apud* Chacon; Cayon, 2013), “[...] a norma de associação “língua-grupo étnico” cria um sistema de equilíbrio nas trocas linguísticas, em que falantes evitam misturar as diferentes línguas que falam”. Com isso, as comunidades da área vivem em extensivo contato linguístico, sem que haja perda de diversidade linguística. Sendo assim, é comum o plurilinguismo individual. Em consequência, é uma área altamente multilíngue.

Para a presente análise, foi selecionada a língua Kotiria (Wanano), do Subgrupo Leste do Tukano Oriental. De acordo com Stenzel (2004), o nome *Kotiria* significa ‘povo da água’ e foi dado a eles pelos Kubeo. Os dados utilizados foram retirados majoritariamente da Gramática de Referência do Wanano, da professora Kristine Sue Stenzel (2004), e da tese de doutorado de Thiago Coutinho-Silva (2014), na qual o autor analisa fenômenos relacionados ao sintagma nominal da língua. Como dito há pouco, a língua é falada na região do Rio Uaupés⁸, compreendendo o trecho entre as comunidades de Mitú (Colômbia) e de Ilha da Japú (Brasil).

A presença dos Kotiria nas margens do alto rio Uaupés é atestada em documentos históricos que datam de 1740. Há evidências arqueológicas e de histórias orais da região de sua ocupação ser anterior à chegada dos Tariana há mais de 700 anos (Stenzel, 2009). No território tradicional, vivem em constante contato com os Kubeo, língua Tukano, ao noroeste. Também mantém relações antigas de aliança e casamento com os Tariana, do rio Uaupés, e com os Baniwa, do rio Aiari (Stenzel, 2009). Ambos são povos falantes de línguas Arawak. Trataremos da língua Tariana na próxima seção.

⁸ Conforme dados do ISA, o Rio Uaupés tem cerca de 1.375 Km de extensão, de sua foz no Rio Negro até a desembocadura no Rio Papuri. Em território brasileiro, percorre cerca de 342 Km.

Segundo dados de Coutinho-Silva (2014), o Kotiria contabiliza cerca de 1.800 falantes, dos quais aproximadamente 700 habitam território brasileiro e 1.100 vivem em território colombiano. Estes estão distribuídos em 21 comunidades tradicionais, localizadas na Terra Indígena do Alto Rio Negro. De acordo com o site Ethnologue (2023), a língua tem status *Endangered* (trad.: ameaçada).

2.3.1 Perfil tipológico do Kotiria

Assim como outros membros da Família Tukano, Kotiria é uma língua aglutinante, polissintética e canonicamente sufixal (Stenzel, 2004, p. 96). A ordem básica de constituintes da língua é SOV. Em termos de alinhamento de caso, Waltz e Waltz (2000 *apud* Coutinho-Silva, 2014) dizem que Kotiria tem alinhamento nominativo-acusativo.

Segundo Stenzel (2004), existem duas grandes classes de palavras nesta língua: uma classe verbal e uma classe nominal. Estas distinguem-se em suas morfologias, sendo reconhecíveis pelo conjunto específico de morfemas que cada uma destas toma. Nesta seção, focaremos em apresentar algumas das categorias empregadas por nominais, dando antes algumas palavras sobre a classe verbal. Em seguida, discutiremos o sistema de classificadores da língua.

Baseando-nos em Coutinho-Silva (2014), entre verbos, temos dois tipos básicos: finito e não-finito. O primeiro tipo se caracteriza por serem completamente flexionados, podendo receber marcas de evidencialidade, aspecto e modalidade. Dentre estas categorias, Stenzel (2009) vê evidencialidade como uma jóia da língua. Isso se justifica pela sua obrigatoriedade em qualquer sentença declarativa, algo incomum nas línguas do mundo, por geralmente ser uma informação opcional. Já os verbos não-finitos denotam eventos não simultâneos e instâncias em que os verbos foram nominalizados (Coutinho-Silva, 2014). Como acontece em línguas polissintéticas, os verbos do Kotiria podem incorporar nominais e sintagmas nominais.

Já a classe de nominais compreende raízes nominais, derivados e a classe fechada de pronomes. Por derivados, entende-se raízes verbais que adotaram o nominalizador [-*ri*]. Conforme Stenzel (2004), estes são caracterizados por: (i) serem bimoráicos; (ii) serem lexicalmente especificados como completamente nominais ou completamente orais; (iii) serem lexicalmente especificados para a melodia tonal. Em

termos de categorias morfológicas disponíveis para a classe de nominais, Coutinho-Silva (2014) cita: número (SG/PL) e gênero (MASC/FEM).

Quanto a estruturação do sintagma nominal, Coutinho-Silva (2014) diz que há uma hierarquia rígida para as posições ocupadas por modificadores. A periferia à esquerda do sintagma nominal é ocupada sempre por um determinante, um marcador de definitude, um pronome pessoal, ou um pronome possessivo, sendo impossível que mais de um item ocupe essa posição.

2.3.2 Classificação nominal em Kotiria

Fonologicamente, Stenzel (2004) explica que os classificadores em Kotiria retêm sua especificação para nasalidade, perdendo apenas as informações tonais que tinham quando eram raízes. Portanto, estão passíveis de serem transmitidos a melodia tonal do núcleo do NP do qual fazem parte.

De acordo com Stenzel (2004, p. 142), existem três tipos de classificadores em Kotiria. O primeiro tipo diz respeito aos classificadores com semânticas mais gerais de forma e função que podem aparecer em muitas raízes nominais. Entretanto, a autora diz que não é possível acessar seu status gramatical, uma vez que não parecem ser sufixos completamente gramaticalizados ou raízes parcialmente reconhecíveis funcionando como modificadores para outras raízes. Já o segundo tipo são reduções de raízes nominais ainda reconhecíveis. Por fim, o terceiro tipo compreende raízes nominais que podem aparecer sozinhas como morfemas livres em outros contextos e funcionam como raízes dependentes em composições.

Em termos de suas funções na língua, os classificadores gerais servem para qualificar os nominais, chamando atenção para características salientes neste. Stenzel (2004) também diz que servem para derivar nominais a partir de verbos ou determinantes. Este tipo de classificador não costuma ocorrer em nominais para entes animados.

Tradicionalmente, nas descrições de línguas da família Tukano faz-se uma divisão dos nominais das línguas em duas grandes subclasses semânticas: nominais que denotam entes tido na língua como animados; e aqueles que denotam entes tidos como inanimados.

Os primeiros seriam marcados por gênero e número, enquanto os outros por contabilidade, número, forma, função, entre outras possibilidades. Stenzel (2004), por

exemplo, tratará o traço de gênero como uma característica intrínseca aos animados. Já os inanimados teriam três manifestações possíveis: (i) “[...] palavras formadas apenas pelas raízes plenas já interpretadas como singulares e aparentemente já possuidoras de forma e que recebem morfologia de número diretamente [...]” (Coutinho-Silva, 2014, p. 101); (ii) os nominais contáveis que carecem de marcação de número; (iii) nominais que dependem de classificadores nominais para serem singularizados e, assim, ganharem marcação de número.

Em sua tese de doutorado, Coutinho-Silva (2014) buscou fazer uma descrição e análise dos sintagmas nominais em Kotiria. Ao fim desta análise formal, o autor propõe uma nova organização para as subclasses da categoria nominal em Kotiria. Em vez de ter como maior divisão animados e inanimados, Coutinho-Silva (2014, p. 164) defende que “[...] a divisão mais saliente e abstrata entre as entidades é entre contáveis *versus* não-contáveis”. Isto se justifica por semelhanças encontradas entre o comportamento de nominais animados contáveis e nominais animados. Em (1), mostram-se exemplos de animados e em (2) de inanimados contáveis:

(1) Kotiria (Coutinho-Silva, 2014, p. 166)

a. *die-ø-ro*

cachorro-MASC-SG

‘(um) cachorro’

b. *die-ko-ro*

cachorro-FEM-SG

‘(uma) cachorra’

c. *die-ya*

cachorro-AN.PL

‘(uns) cachorros’

(2) Kotiria (Coutinho-Silva, 2014, p. 166)

a. *ho-paro*

cachorro-CLS:curvo

‘(uma) banana’

b. *ho-paro-ri*

banana-CLS:curvo-PL

‘(umas) bananas’

Observou-se em casos como (1) e (2) que a distribuição morfossintática dos morfemas de gênero e número em animados era idêntica àquela de morfemas de classe e número dos inanimados contáveis. Portanto, é possível afirmar que “[...] tanto o sistema de classificação nominal quanto o sistema de gênero ocupam a mesma posição (*slot*) entre o nominal e o morfema de número.” (Coutinho-Silva, 2014, p. 167). A relação completa dos classificadores em Kotiria pode ser encontrada no Anexo B.

2.4 Família Arawak

A família Arawak é o agrupamento genético com maior número de línguas na América do Sul, contabilizando mais de quarenta línguas vivas. Conhecidamente, foram os primeiros povos a entrar em contato com Colombo em 1492 (Hill; Granero, 2002). Historicamente, acredita-se que as populações Arawak compuseram uma rede que percorria territórios indo do Rio Negro à bacia do Orinoco (*idem.*). Também há fortes evidências de processos diaspóricos pré-Colombianos por parte destas populações, uma vez que sua presença é prevalente do sudoeste brasileiro, em áreas sub-Andinas, até a Mesoamérica. Conforme Hill e Santos-Granero (2002), são povos que se caracterizam pelos constantes fluxos e expansões. Nesses processos, integraram-se às mais diversas paisagens, através de amplas alianças com outros povos e apropriação simbólica de novos territórios. As áreas de maior concentração de populações Arawak atualmente são a região do Alto Rio Negro, no Brasil, Venezuela e Colômbia; e nas cabeceiras dos rios da Madeira e Ucayli, no sudoeste brasileiro e leste do Peru.

Para o presente trabalho, selecionamos a língua Tariana, do ramo do Nordeste Amazônico da família. A revisão bibliográfica girou em torno de dois trabalhos da professora Alexandra Y. Aikhenvald: *Classifiers in Tariana* [1994] e *A grammar of Tariana* [2003].

Assim como Kotiria (família Tukano), o Tariana compõe a área linguística dos Uaupés, no Alto Rio Negro. Os Tariana também participam da rede de trocas maritais e multilinguismo prevalentes na região, apesar de serem considerados fruto de uma migração mais recente para a área. Segundo Aikhenvald (2003), os Tariana são compostos por dez subgrupos, caracterizados por suas diferentes origens míticas.

A partir de análises de toponímias e mitos, comparados aos dos Tukano Orientais, acredita-se que tenham vindo de um contexto monolíngue e adotado multilinguismo há relativamente pouco tempo (Aikhenvald, 2003). Atualmente, Tariana

é uma língua em gravíssimo perigo de extinção. Apesar de cerca de 1.500 pessoas identificarem-se etnicamente como Tariana, Aikhenvald (2003) identificou apenas cerca de 100 falantes ativos da língua em seus estudos nos anos 90. A autora também comenta que eram falantes adultos e que já havia a tendência nos Uaupés de adoção da língua Tukano, em detrimento de outras. Aikhenvald (2003) atribui este desaparecimento a ações missionárias de salesianos que suprimiram hábitos multilíngues na região. Também menciona a mudança nas relações entre pais e filhos, dadas imposições do estado brasileiro de que indígenas da região deveriam buscar se tornar trabalhadores nacionais. Com a diminuição da convivência com o pai, há a redução de convivência com a língua da linha paterna.

2.4.1 Perfil tipológico do Tariana

Tariana é uma língua altamente polissintética e majoritariamente de núcleo marcado (Aikhenvald, 2003). Em termos de classes de palavras, a língua tem três classes lexicais abertas, duas semiabertas e doze fechadas. As classes abertas da língua são os verbos, os nominais e os adjetivos derivados. Já as classes fechadas incluem demonstrativos, interrogativos/distributivos, quantificadores, posposições, uma preposição, e o dêitico gestual *khi*, que demonstra o tamanho ou formato do objeto. Ademais, a língua também tem duas classes semiabertas, de advérbios e palavras para tempo.

A estrutura verbal em Tariana é altamente polissintética, contando com vinte e um slots estruturais. Entre estes slots, é obrigatória a expressão de evidencialidade, que é fundida com a expressão de tempo. Esta obrigatoriedade provavelmente se desenvolveu por influência de línguas Tucano, ao ser incomum entre línguas Arawak. As possibilidades de especificação para esta categoria são quatro: visual, não-visual, inferido e reportado. A língua também admite construções seriais com verbos e predicados complexos com mais de um verbo. Por fim, os verbos da língua dividem-se em duas classes, verbos que podem tomar prefixos para marcar A/S_a, e aqueles que não tem esta obrigatoriedade. Os primeiros são verbos transitivos ativos e intransitivos. Já os outros são verbos estativos.

Conforme Aikhenvald (2003), os sintagmas nominais do Tariana são muito derivacionalmente e flexionalmente complexos, podendo tomar até dezesseis posições estruturais. Algo interessante é que muitas destas categorias podem ser expressas mais

de uma vez. Já sobre posse, Tariana distingue entre posse alienável e inalienável através da marcação de nominais inalienáveis possuídos com prefixos de pessoa, gênero e número, sendo este o único prefixo na estrutura de nominais (Aikhenvald, 2003). Ainda seguindo Aikhenvald (2003, p. 82), “a palavra nominal mínima pode consistir de apenas uma raiz, ou um prefixo e uma raiz [...], ou uma raiz em adição de um sufixo sensível a gênero. A palavra gramatical em Tariana é geralmente centrada ao redor de uma raiz. [...]. Com isso, a autora considera a estrutura dos nomes mais complexa do que aquela dos verbos. Isso se justifica pela possibilidade de repetir marcações. Ademais, Aikhenvald (2003) considera a complexidade demonstrada pelos nominais como uma inovação na língua.

2.4.2 Classificação nominal em Tariana

A língua Tariana é marcada pela grande quantidade de classificadores, contabilizando mais de 60, assim como pela grande diversidade de ambientes morfossintáticos em que estes ocorrem. A relação completa dos classificadores na língua está disposta no Anexo C.

Conforme Aikhenvald (1994, 2003), têm-se: classificadores numerais, verbais e genitivos. Além destes, também se conta com uma série de marcadores concordiais de classe nominal. Portanto, é uma língua com um sistema de concordância cindido (Aikhenvald, 1994). A autora (*idem.*) diz que há pelo menos três sistemas operando em contextos de núcleo-modificador.

De acordo com Aikhenvald (2003), classificadores não são semanticamente redundantes. Os nominais são marcados por diferentes classificadores a depender da propriedade em foco. No caso dos classificadores nominais para inanimados, “quando o classificador é adicionado, o nominal adquire uma leitura singular, e pode ser pluralizado” (Aikhenvald, 2003, p. 101). Portanto, desempenham um papel na individuação de muitos nominais da língua. Outra propriedade do sistema de classificação nominal é que classificadores podem funcionar como afixos derivacionais, e o contrário também sendo possível. Sendo assim, podem ser considerados uma classe aberta na língua.

Em termos de função, grande parte dos classificadores do Tariana são elencados pronominalmente, como anáforas. Eles servem como substitutos para os nominais aos quais se referem no discurso. Aikhenvald (2003) diz que o nominal normalmente só é

mencionado uma vez no início da narrativa. As menções subsequentes são feitas apenas pelo classificador. Por conta disso, classificadores são mais frequentes em narrativas do que nominais.

Outra característica dos classificadores nesta língua é sua presença em adjetivos. Diferente do Mamaindê, que não tem uma classe de adjetivos, o Tariana conta com dois tipos de adjetivos: um grupo de adjetivos não derivados, que formam uma classe fechada de vinte itens e podem concordar com seu nominal em classificador (cf. Aikhenvald, 2003, p. 72-73); e um grupo com adjetivos derivados. Em (1), tem-se o exemplo de concordância entre um nominal, ‘árvore’ [*heku-na*], e um adjetivo não derivado, ‘grande’ [*hanu*].

- (1) Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 73)
heku-na *hanu-na*
 wood-CL:VERT big-CL:VERT
 ‘a big tree’
 (trad.: Uma grande árvore)

A autora (Aikhenvald, 2003, p. 93) divide os classificadores em três grupos distintos. O primeiro corresponde aos classificadores com formas distintas em diferentes ambientes classificatórios. Estes correspondem aos paradigmas de classificadores para animados genéricos⁹ e humanos¹⁰. Diferentes de outros, são classificadores que: distinguem formas singulares e plurais; manifestam-se diferentemente em classificadores numerais e marcadores de classe nominal; e não exigem que o classificador aconteça com um demonstrativo. Em (2), são dados exemplos destes dois conjuntos de classificadores.

- (2)
 a. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 93)
paita *emite* *matfi:te*
 one+NUM.CL:ANIM youngster+NCL:ANIM good+NCL:ANIM
 nu-ite-ka
 1sg-POSS+NCL:ANIM-DECL
 ‘One nice child is mine’
 (trad.: Uma boa criança é minha)

⁹ “O classificador de animado genérico pode ser usado para se referir a qualquer nominal animado, incluindo aqueles com referentes que façam distinção de sexo, se o sexo não está em foco.” (Aikhenvald, 2003, p. 93). Este também é usado para se referir a alguns conceitos abstratos.

¹⁰ Aikhenvald (2003) diz que os classificadores para humano são idênticos àqueles de animados genéricos. A distinção se dá no uso do classificador numeral [-hipa], que é usado apenas para os números um, dois e três, em referentes humanos não-femininos.

b. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 94)
duha inaru kanaperi-pidana ñhamepa
 ART.FEM woman give.birth-REM.P.REP two+NUM.CL:HUM
 emi-peni
 youngster-PL:ANIM
 ‘The woman gave birth to two children’
 (trad.: A mulher deu à luz a dois filhos)

Em (2a), demonstram-se os classificadores de animado genérico. Quando em ambientes de classificador numeral, este toma a forma de [-ita]. Segundo Aikhenvald (1994), pode ser usado tanto para referentes animados como a seus atributos, como partes do corpo e objetos que façam parte da construção de mundo humana. Ainda se observa o uso de [-ite], um classificador concordial. Já em (2b), veem-se usos de classificadores para humanos. Em [ñhamepa], ocorre a sufixação da forma [-hipa] do classificador, característico deste paradigma em situações de referentes não-femininos, ao numeral dois [ñama]. De acordo com a autora (Aikhenvald, 2003), por regras fonológicas da língua, o processo une [ñama] + [hipa] em [ñhamepa].

O segundo tipo de classificadores descritos por Aikhenvald (1994, 2003) são os classificadores utilizados em apenas dois ambientes, como marcas de concordância de classes nominais em adjetivos e como afixos derivacionais. Apenas dois classificadores caem nesta categoria: [-peri], classificador de coletivo e substâncias, e [-wani]¹¹, para nominais abstratos e lugares. Em (3), são dados exemplos destes dois classificadores. Em ambos os casos, os classificadores estão aparecendo nos adjetivos como marcas de concordância.

(3)
 a. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 95)
uni ewa-peri
 water yellow-CL:COLL
 ‘yellow water’
 (trad.: Água amarela)

b. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 96)
ehkwapi matfa-wani
 day/weather good-CL:ABSTR
 ‘beautiful weather’
 (trad.: Belo clima)

¹¹ Não foi dado exemplo aqui, mas Aikhenvald (2003) diz que o classificador para nominais abstratos, [-wani], pode coocorrer com outros classificadores, o que não é possível com [-peri].

O terceiro tipo de classificador é formado por classificadores que têm a mesma forma em todos os ambientes, com exceção de classificadores demonstrativos e classificadores utilizados em artigos especificadores. Todos os outros classificadores da língua caem nesta categoria, totalizando cerca de sessenta classificadores, como pode ser visto na tabela disponível no Anexo C. Na tabela, é omitido o classificador de gênero [-*ma*], que tem comportamento morfossintático ligeiramente diferente.

Na tabela (Anexo C), preservamos a divisão semântica feita por Aikhenvald (2003) para os classificadores. Nela, são contemplados apenas classificadores para inanimados, uma vez que os classificadores para animados e aquele para entes femininos [-*ma*] tem comportamentos morfossintáticos diferentes.

Detalhando a divisão feita por ela (Aikhenvald, 2003), autora explica que há vinte e um classificadores que categorizam os nomes em termos de forma, dimensionalidade e função. Há classificadores são morfologicamente complexos, tendo sufixos fossilizados em sua estrutura. Este é o caso de [-*dapana*] ‘habitação’, que consiste da união de um classificador genérico, [-*da*], e a forma possuída de casa [-*pana*].

2.5 Sumário

No percurso deste capítulo, foram analisadas quatro línguas com classificadores nominais que apresentam várias convergências em termos de comportamento morfossintático. Em todas, os classificadores tinham como escopo o DP, independente de manifestações em elementos fora do mesmo. Foram notadas instâncias de concordância, como é o caso dos adjetivos não derivados e numerais do Mamaindê, e da incorporação feita por classificadores em verbos do Munduruku. Da mesma maneira, notou-se a função anafórica desempenhada por eles e a possibilidade de um mesmo nominal tomar diferentes classificadores.

Em termos de convergências encontradas nas categorias elencadas pelos classificadores nominais, notou-se nas línguas o seguinte: (i) em todas as línguas, foram encontrados classificadores que imputam ao nominal as condições de redondo, cilíndrico, foliforme e fio/corda; (ii) os classificadores para itens redondos parecem sempre estar envolvidos na formação da palavra para *fruta*, corroborando as

observações de Aikhenvald (2000) (Cf. §1.2); (iii) consistentemente, os classificadores apareceram como os itens mais próximos às raízes¹².

No entanto, as diferenças ainda são muito notáveis. Por exemplo, os classificadores variam muito em grau de gramaticalização dentro da própria língua. Em muitas instâncias, agem como raízes e podem até formar compostos com outras raízes, comportando-se como morfemas livres. Entretanto, em outros contextos, o mesmo classificador aparece completamente dependente da raiz, indicando ter gramaticalizado-se a ponto de perder sua independência morfofonológica. Sabe-se que isto se dá por classificadores provavelmente nascerem de composições entre nomes que se tornam frequentes. Com isso, aos poucos, estes nomes perdem sua independência morfosintática e morfofonológica, eventualmente tornando-se completamente dependentes de sua ocorrência com raízes. Quando isto acontece, podem passar a desempenhar a função de individuar esta raiz, como foi notado por Coutinho-Silva (2014) para o Kotiria.

Entre línguas, estas diferenças de gramaticalização chamam ainda mais atenção. Fomos capazes de analisar um sistema de classificadores emergente como o do Munduruku, onde se tem um pequeno inventário de oito nomes que, em alguns contextos, comportam-se como classificadores nominais, não sendo obrigatórios em nenhum nominal da língua. Ao mesmo tempo, observa-se o paradigma do Mamaindê, que, apesar de não ser o maior inventário analisado, é altamente infiltrado no sistema linguístico. Diversos nomes do Mamaindê necessitam de classificadores para licenciarem-se enquanto nominais. E, mesmo quando não obrigatórios, surgem para imputar alguma característica à raiz. Outro indicador de sua gramaticalização em maior grau é ocorrência de alomorfia da maior parte dos classificadores.

¹² Em circunstâncias de nominalização, isto pode variar. Em Kotiria, por exemplo, o morfema nominalizador aparece entre a raiz e o classificador.

CAPÍTULO 3 - SOBRE A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Lexicalism is dead, deceased, demised, no more, passed on....

Marantz, 1997, p. 202.

A Morfologia Distribuída (doravante MD) é inaugurada em 1993, com a publicação do capítulo *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*, de Morris Halle e Alec Marantz, no livro *The view from the building*. O modelo surge como alternativa às arquiteturas de gramática propostas até então dentro da Teoria Gerativa. Ao desmontar o componente lexical, distribuindo suas funções acumuladas em três listas distintas, a MD rompe com a *Hipótese Lexicalista*, vigente desde a Teoria Padrão, quando o léxico autônomo é introduzido ao quadro teórico por Chomsky (1965, 1970).

Em *Remarks on Nominalization* [1970], Chomsky define as bases para essa hipótese, pautando-se em distinções sintático-semânticas encontradas em diferentes tipos de nominalizações do inglês. A proposta é colocada como um contraponto às posições transformacionalistas, que levavam nominalizações como formas de NP introduzidas por regras de transformação impostas pelo componente categorial. Ou seja, nominalizações seriam originalmente sentenças. Em vez disso, Chomsky (1970) assume a existência de um léxico separado deste componente categorial. Dentro deste léxico, teriam-se itens com propriedades seletivas fixas e livres de categorias lexicais (verbo, nome ou adjetivo). Em suma, a Hipótese Lexicalista assume que palavras são criadas por um componente diferente daquele que cria sentenças, levando a um modelo com dois componentes gerativos separados: “[...] a sintaxe, responsável pela formação de sentenças e o léxico, responsável em grau maior ou menor pela formação de palavras.” (Cyrino, 2023, p. 35).

Ao lançarem a MD, Halle e Marantz (1993) discutem a Morfologia Lexicalista de Lieber (1992 *apud* Halle; Marantz, 1993). Neste quadro, tanto afixos como raízes lexicais são morfemas que relacionam diretamente forma fonológica com significado e função. Estes Itens Lexicais (doravante ILs) se combinam para formar palavras que serão manipuladas pela sintaxe (Halle; Marantz, 1993). O resultado das combinações dos ILs de Lieber (1992) são palavras que deveriam apresentar três tipos de propriedades assim que saiam do Léxico: fonológicas, morfossintáticas e semânticas. Um IL como CASA chegaria à sintaxe com as informações de que trata-se de um

Nome, com realização fonológica /'kazɐ/ e significado “construção que serve de moradia” (Scher, 2017, p. 39).

A partir disto, têm-se duas assunções. A primeira diz respeito a uma correspondência entre unidades de importância fonológica e unidades básicas de composição sintática. Indo para uma instância dessa não-correspondência, pode-se citar casos de alomorfia, nos quais um mesmo feixe de traços apresentará realizações fonológicas distintas. Resgatando o exemplo feito por Scher, Bassani, Carvalho e Armelin (2023, p. 100), em (1):

- (1) a. pensar → pensava
 b. beber → bebia
 c. cair → caía

Apesar de todos envolverem o traço morfossintático para pretérito imperfeito, há dois expoentes fonológicos possíveis. Os autores (*idem*) explicam que estas possibilidades são influenciadas pela vogal temática do verbo. Ou seja, quando esta é *a-*, faz-se a forma *-va*, como em (1). Ao passo que, elencando-se *-e* ou *-i*, teremos a realização *-ia*, como (1b, c). Portanto, não há uma relação biunívoca entre traços morfossintáticos e sua realização fonológica. Em outras palavras, não é possível dizer que o traço [Prt. Imp.], no Português Brasileiro, corresponde diretamente à terminação *-va* ou *-ia*.

A mesma falta de correspondência parece ser verdade também no nível prosódico. Como observou Marantz (1997, p. 206, tradução nossa),

a lição geral tirada de estudos de Fonologia Prosódica é que a estrutura sintática não é idêntica à estrutura prosódica em nível algum, incluindo o nível de Palavra (entende-se, sempre é necessário *construir* a estrutura prosódica a partir da estrutura sintática (ou “mapear” a estrutura sintática dentro da estrutura prosódica)).¹³

A segunda assunção é ligada à construção de sentido. Entre correntes que adotam a hipótese lexicalista, há um *continuum* que vai do significado atômico de morfemas a termos derivados que limita-se ao nível de palavra (Marantz, 1997). Com isso, os ILs têm sua semântica inteiramente armazenada no léxico. Portanto, este serve de repositório tanto para sentidos composicionais como não-composicionais em

¹³ Original: The general lesson from studies in prosodic phonology is that syntactic structure isn't identical to prosodic structure at any level, including the Word level (i.e., it is always necessary to *construct* prosodic structure from syntactic structure (or “map” syntactic structure onto prosodic structure)).

unidades com tamanho de palavra. Sendo este o caso, o léxico acabava por compreender uma lista exaustiva de expressões idiomáticas aprendidas individualmente no curso da vida.

Dadas observações como essas, fez-se necessário questionar a validade de acumular tarefas tão distintas em um componente só, assim como repensar por que o resultado das operações neste não estão sujeitos às mesmas condições que unidades do tamanho de sentença. Mais radicalmente, coloca-se em pauta a definição de morfema vigente desde Saussure: seria o morfema realmente o signo mínimo, dotado simultaneamente de som e significado? A MD põe em cheque este postulado.

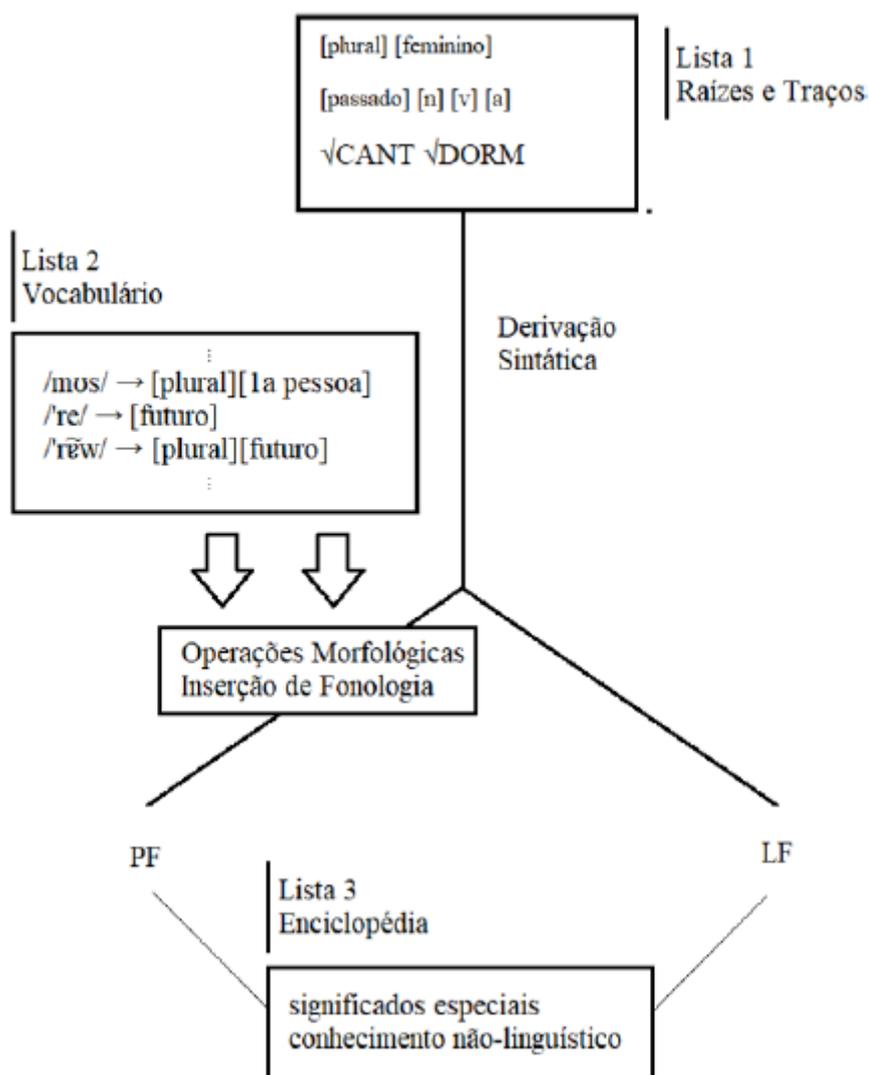
Em suma, a MD parte do pressuposto que o componente computacional não lida com elementos formados por uma combinação inextricável de som e significado (Marantz, 1996). Esta seria a principal discordância aos modelos lexicalistas, como o de Lieber (1992 *apud* Halle; Marantz, 1993) como discutido por Halle e Marantz (1993). Em vez disso, como será comentado em seguida, a MD compreende que a distribuição de traços fonológicos e leitura de significados não-composicionais são feitos após a sintaxe, em partes distintas da gramática. Portanto, as funções anteriormente acumuladas pelo léxico seriam desempenhadas por diversos componentes, que incidem em diferentes momentos do processamento.

O presente capítulo apresenta os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, quadro adotado para a análise realizada neste trabalho. Mais especificamente, esta pesquisa insere-se na discussão sobre a organização de traços morfossintáticos nas línguas adotadas para o *corpus*. Em termos organizacionais, este capítulo inicialmente discute a arquitetura da gramática como proposta por Halle e Marantz (1993, 1994, e trabalhos subsequentes), assim como os pressupostos teóricos que são base para a perspectiva. Em seguida, falaremos do tratamento dado aos traços morfossintáticos nesta perspectiva teórica, dando foco à proposta de geometria de traços elaborada por Harley e Ritter (2002), que inspirou nossa análise.

3.1 Pressupostos teóricos e a arquitetura da gramática

Nesta seção, apresentaremos a arquitetura de gramática proposta pela MD. Iniciando a discussão, na Figura 1 tem-se a arquitetura de gramática como elaborada por Minussi (2023, p. 63).

FIGURA 1 - Arquitetura da Gramática na MD



Fonte: Minussi, 2023, p. 63

Lembrando a discussão feita na seção anterior deste capítulo, a MD parte do pressuposto que a operação que gera sentenças é a mesma que gera palavras. Para dar conta desta abordagem, fazem a distribuição das tarefas, anteriormente atribuídas ao componente lexical, a três listas que incidem diferentes momentos da derivação.

A Lista 1 compreende os primitivos linguísticos sem conteúdo fonológico utilizados pelo sistema computacional. (Harley; Noyer, 1999). Esta lista é anterior à sintaxe, sendo a única parte gerativa da gramática, e é formada de traços morfossintáticos e as raízes.

Os traços morfossintáticos são um conjunto de traços sintático-semânticos universais, portanto disponíveis na GU. Segundo Embick (2015), este conjunto é

chamado *Inventário de Traços Universais* (*Universal Feature Inventory*, em inglês). Cada língua seleciona um subconjunto do que é disposto no inventário. Aos selecionados, dá-se o nome *traços ativos*. Estes são agrupados para formar feixes de traços, chamados morfemas abstratos, que são considerados morfemas funcionais (Minussi, 2023). Os morfemas são os átomos manipulados pela sintaxe. Conforme Embick (2015), línguas podem se diferenciar tanto em termos dos traços ativados como na maneira como os agrupam. Em (2), têm-se exemplos de traços morfossintáticos do Português Brasileiro. Já em (3), dispomos do morfema abstrato correspondente ao pronome de primeira pessoa do plural. Como dito anteriormente, neste momento processamento, não entra em jogo o material fonológico destes morfemas.

(2) Alguns traços morfossintáticos do PB
[pl]; [fem]; [n]; [v]; [+1]

(3) Exemplo de morfema abstrato
Pronome de primeira pessoa do plural = [+1, +pl]

Em uma língua como o Português Brasileiro, não há distinção de gênero manifesta no pronome de primeira pessoa do plural. Portanto, o morfema abstrato é composto apenas pelos traços morfossintáticos de pessoa [+1] e número [pl]. Outras línguas têm traços diferentes disponíveis. É este o caso, por exemplo, do Boumaa Fijian (Harley; Ritter, 2002), que, além de plural, faz as distinções de números dual e paucal¹⁴ no pronome de primeira pessoa. Entretanto, nesta língua, não são feitas distinções de gênero nos pronomes. Ademais, Boumaa Fijian também distingue entre as primeiras pessoas inclusiva (eu, você e outros) e exclusiva (eu e outros, sem você). Como será discutido na próxima seção, Harley e Ritter (2002) compreendem a presença da distinção entre inclusivo e exclusivo como uma possibilidade de ativação simultânea [*speaker*] e [*addressee*], que leva à leitura inclusiva do pronome. Com isso, entende-se que a língua selecionou outros traços do inventário, para além daqueles vistos em (2), e é capaz de agrupá-los de maneira distinta de (3). Na próxima seção deste capítulo, trataremos com mais calma da organização e hierarquia dos traços morfossintáticos.

Com relação às raízes, entende-se que são acategoriais, específicas a cada língua e sempre ocorrem em uma relação local com um núcleo funcional definidor de categorias (Scher, 2017). Em outras palavras, as raízes não são inerentemente

¹⁴ Paucal é compreendido como um pequeno grupo. Em muitas línguas, é tido como o número trial.

pertencentes a uma categoria lexical ou outra. Conforme Minussi (2023, p. 76), “[...] uma mesma raiz pode se tornar um nome, um adjetivo ou um verbo, por meio da concatenação de um núcleo *n*, *a*, e *v*, respectivamente, na estrutura sintática”. Exemplificando (Minussi, 2023), em PB, a raiz $\sqrt{\text{FLOR}}$ pode ser concatenada com qualquer um dos categorizadores para gerar: florista, quando nominal; florido, quando adjetivo; e florescer, quando verbo.

A operação de concatenação à qual as raízes estão sujeitas ilustra o funcionamento do componente sintático adotado na segunda metade da década de noventa. Com o advento do Programa Minimalista (PM) (Chomsky, 1995), a arquitetura da gramática da MD elimina as estruturas superficial e profunda, adaptando-se ao modelo em Y proposto. Neste mesmo sentido, são operações da sintaxe: concatenação (*merge*), movimento (*move*) e concordância (*agreement*).

Após a sintaxe, os nós terminais vão ao que inicialmente ficou conhecido no modelo como Estrutura Morfológica (MS, do inglês, *Morphological Structure*). De acordo com Harley (1994), neste momento da derivação, ocorrem as operações morfológicas de Empobrecimento, Linearização, Concatenação (*merge*) e Fusão (*fusion*). Como resultado dos núcleos morfológicos linearizados em conjunto com os efeitos das operações morfológicas, tem-se o núcleo sintático M° . Em seguida, são aplicadas condições de boa formação de palavras, reajuste de regras, e afixação. Discutindo um pouco a primeira operação, de acordo com Scher (2017, p. 48), no Português Brasileiro, os morfemas de satisfação de boa formação de palavras são: (i) morfemas de classe, realizados como vogais temáticas; (ii) morfemas de concordância que marcam a relação entre o verbo e o sujeito; (iii) morfemas de concordância que marcam a relação entre nomes, adjetivos e determinantes.

As operações morfológicas dão conta de assimetrias identificadas entre a organização dos pedaços morfossintáticos e a organização de pedaços fonológicos. Isso se justifica pela necessidade da realização de operações que satisfaçam condições de boa formação universais ou específicas à língua.

Após o fim das operações morfológicas, a Lista 2, chamada de Vocabulário, incide na derivação para a criação dos itens vocabulares (IVs). Esta corresponde ao

[...] repositório do conhecimento que os falantes têm sobre a interrelação entre pacotes de traços morfossintáticos que compõem um morfema e seus traços fonológicos, isto é, sobre o mapeamento de traços morfossintáticos

sobre complexos de traços fonológicos. (Halle; Marantz, 1993, p. 123, tradução nossa)¹⁵

Esta é uma parte não-gerativa, porém expansível da gramática (Marantz, 1997). No momento da entrada desta lista, acontece competição pela inserção de material fonológico nos nós sintáticos. Este processo de preenchimento de nós é chamado inserção vocabular. Uma das principais características do modelo é a inserção vocabular ocorrer pós-sintaticamente, propriedade nomeada *inserção tardia*.

A inserção de vocabulário é regida pelo Princípio do Subconjunto e é feita por *Subespecificação*. Sendo assim:

O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em uma posição, se tal item é compatível com todos ou com um subconjunto dos traços especificados naquela posição. A inserção não ocorre se o item de vocabulário contém traços que não estão presentes no morfema. Se vários itens de vocabulário satisfazem as condições de inserção, o item que for compatível com o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido. (Halle, 1997, p. 128 *apud* Scher, 2017, p. 46)

A MD assume que as diferenças das línguas devem ser tratadas fora da sintaxe. Com isso, muitas das diferenças serão explicadas neste momento da derivação, quando ocorre o intermédio entre o resultado das operações sintáticas e a inserção de vocabulário. Entretanto, apesar das adaptações realizadas pós-sintaticamente, os nós terminais preenchidos por IVs mantêm sua estrutura hierárquica colocada pelo componente sintático, assim como respeita as condições de localidade impostas naquele momento. Em outras palavras, as operações morfológicas e de inserção de vocabulário

[...] apesar de não serem operações sintáticas e de não terem efeito na sintaxe, essas operações se assemelham às operações sintáticas propriamente ditas ao se aplicarem a uma estrutura hierárquica formada pela sintaxe e por respeitarem os limites dessa estrutura.” (Scher, 2017, p. 57)

A esta propriedade do modelo dá-se o nome *estruturas sintáticas por toda a derivação*.

Após a inserção tardia, os terminais sintáticos com suas expressões fonológicas mapeadas são lançados para *spell-out*. De acordo com Harley e Noyer (1999), o *spell-out* insere VIs, pedaços fonológicos, em morfemas, fazendo uso do mapeamento realizado anteriormente. Os autores acrescentam que esta operação é cíclica, acontecendo sequencialmente no curso da derivação.

¹⁵ Original: the Vocabulary can be regarded as the repository of the knowledge that speakers have about the interrelationship between the morphosyntactic feature bundle characterizing a morpheme and its phonological features, that is, about the mapping of morphosyntactic features onto complexes of phonological features.

Correspondendo às propriedades semânticas que deveriam ser apreendidas por uma teoria que objetiva desmontar o léxico, “a Lista 3 armazena os significados de natureza conceitual, sejam eles “literais” ou idiossincráticos, que serão atribuídos às raízes a partir do ambiente sintático em que estas estão inseridas” (Armelin; Nóbrega, 2023, p. 129). Como pontuado por Embick (2015), isto se dá em consequência do Princípio de Decomposição Plena, o qual postula que a memória não armazena objetos complexos. Estes devem ser derivados pela gramática quando empregados. Portanto, entende-se que o único armazenamento feito pela memória é de primitivos linguísticos. Sendo assim, a Lista 3 corresponde a uma relação de entradas enciclopédicas que dão conta de significados não apreensíveis por meio da organização de traços formais feitas pelo componente sintático, ou seja, não-composicionais. Em suma: “A Enciclopédia não relaciona representações linguísticas a outras representações linguísticas, mas dá precisamente o tipo de informação que não é possível de ser codificada em representações linguísticas.” (Marantz, 1996, p. 9, tradução nossa).

3.2 Traços morfossintáticos: como se organizam?

A partir do momento que estamos tratando de fenômenos com unidades do tamanho de palavras, faz-se necessário observar os traços morfossintáticos. Dentro de perspectivas não-lexicalistas de Morfologia, o agrupamento de traços morfossintáticos muitas vezes foi tratado como desestruturado, sendo eles considerados pacotes amorfo. No entanto, acaba-se por incorrer no principal problema dos pacotes amorfos: há tempos, diversos autores, de diferentes correntes, preveem algumas limitações e dependências para as ocorrências das categorias morfológicas. Greenberg (1966, p. 95) já postulava que "se a língua tem categoria de gênero, ela sempre tem a categoria de número" e que "nenhuma língua tem o número trial a menos que tenha o dual. Nenhuma língua tem o número dual sem ter o plural" (Greenberg, 1966, p. 94, tradução nossa). Portanto, no primeiro caso, as categorias de gênero e número estabelecem alguma relação de hierarquia, na qual gênero parece ser algo mais marcado do que número; e, no segundo caso, o número trial parece ser mais especializado que o dual, que é mais especializado que o plural (plural > dual > trial), expressando, como no caso anterior, uma relação de dependência e hierarquia entre as manifestações de número.

A partir do momento que estes traços são reconhecidos como primitivos linguísticos manipulados diretamente pela sintaxe, deve-se lembrar que a GU oferece

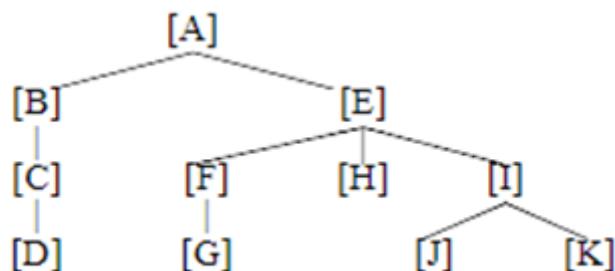
um conjunto de traços morfossintáticos. Se estes apresentam empiricamente tantas restrições em sua ocorrência, pode-se assumir que são afetados por uma série de restrições, e organizados sistematicamente e hierarquicamente (Harley; Ritter, 2002, p. 482). Torna-se importante elaborar um tratamento teórico que esquematize as relações entre os traços morfossintáticos, e que preveja universais como aqueles estabelecidos desde Greenberg (1966).

Em 2002, Heidi Harley e Elizabeth Ritter publicam o artigo *Person and Number in Pronouns: A Feature-Geometric Analysis*. Neste, as autoras fazem uma série de afirmações sobre o funcionamento interno dos traços morfossintáticos que compõem os pronomes, em línguas naturais, tomando como base um banco de dados com 110 línguas. Inspirando-se no modelo de geometria de traços fonológicos proposto por Clements (1985)¹⁶ e Sagey (1986 *apud idem*), Harley e Ritter (2002) propõem sua geometria de traços morfossintáticos. Em modelos de geometria de traços fonológicos, parte-se de três pontos principais: (i) os subnódulos definem as classes naturais de regras fonológicas; (ii) nódulos da geometria de traços devem corresponder à anatomia do trato vocal; (iii) as relações de dependência codificam contrastividade. Dentre estas, Harley (1994) e Harley e Ritter (2002) determinam que uma geometria de traços morfossintáticos deveria dar conta dos pontos (i) e (iii). Quanto a (ii), deveria haver uma adaptação em sua compreensão. Por anatomia do trato vocal, deve-se assumir que tratam-se dos fatores externos que restringem a produção de sons de alguma maneira. Para a morfologia, estas condições externas seriam puramente conceituais. Sendo estas as noções de deixis, contabilidade e taxonomia.

A autoras constroem uma geometria de traços morfossintáticos para os pronomes (Figura 3), baseando-se no esquema da Figura 2. Este assume que os traços são monovalentes e só aparecem se tiverem valor positivo. Ou seja, o traço [F] só aparecerá na estrutura se ele estiver ativo; um traço [- F] não existe.

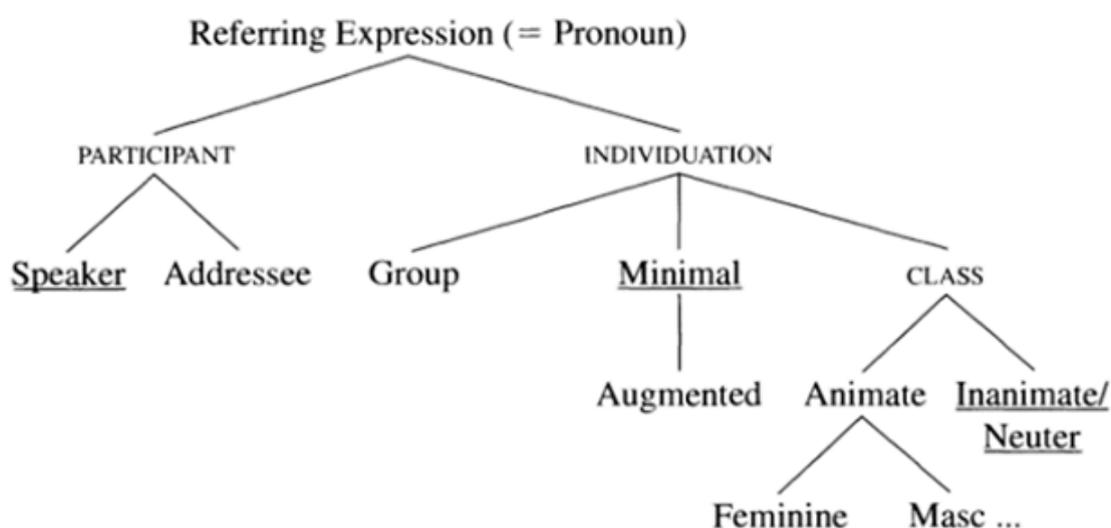
FIGURA 2 - Representação arbórea abstrata de uma geometria de traços

¹⁶ No que diz respeito ao tratamento de traços, no artigo *The geometry of phonological features*, Clements (1985) questiona a visão de traços fonológicos como distribuídos em duas colunas sem sobreposições, uma vez que esta não contempla a complexidade do comportamento destes traços. Em vez disso, a autora tenta desenvolver uma representação que dê conta das claras hierarquias presentes entre os traços fonológicos. Este tipo de representação é chamada geometria de traços.



Fonte: Harley & Ritter, 2002, p. 485

FIGURA 3 - Geometria de traços para pronomes



Fonte: Harley & Ritter, 2002, p. 486

Na representação da Figura 2, a noção de marcação é dada através da contagem de nódulos: “Quando mais marcada for uma certa combinação de traços, mais nódulos serão necessários para representá-la” (Harley; Ritter, 2002, p. 485). Ademais, é recorrente que um traço morfossintático seja implicado logicamente por outro. A geometria na Figura 2 captura isso através da noção de dependência. Exemplificando, o traço [F] pressupõe a existência do traço [E], pois o traço [F] é representado como dependente do traço [E]. Se o traço [E] for eliminado da geometria, o traço [F] será também.

Na geometria das autoras, os dois grandes nódulos, [*Participant*] e [*Individuation*], representam, respectivamente, fatores que dependem e independem do contexto. Em outras palavras, o nódulo de participante dá conta de traços de pessoa que

estão presos ao momento da fala, sendo responsável pela produção da primeira e da segunda pessoas. Já o nóculo de individuação fala de número e gênero, questões que podem ser aplicadas a não-participantes, ou à terceira pessoa.

Retomando um dos universais de Greenberg (1963), vamos tentar compreender como a geometria da Figura 3 dá conta dessas restrições. O universal abordado seria "nenhuma língua tem o número trial a menos que tenha o dual. Nenhuma língua tem o número dual sem ter o plural" (Greenberg, 1963, p. 94, tradução nossa). A hierarquia entre a ocorrência destes números explica-se pelo nível de marcação de cada um. Para Harley e Ritter (2002), o *default* do nóculo de individuação é o traço [*Minimal*], que dá conta do singular. Se o nóculo for ativado, este será seu estado não marcado. Quando se tem um plural, ocorre a ativação do traço [*Group*], sem a ativação de [*Minimal*]. Já o dual pressupõe a ativação simultânea de [*Group*] e [*Minimal*], partindo da lógica que o dual é o menor grupo possível. Por fim, o número paucal ou trial envolve a ativação de todos os nósculos previamente ditos em adição com [*Augmented*], para se entender que é o menor grupo possível com mais de duas pessoas.

Como explicado anteriormente, a natureza hierárquica da geometria faz entender que existe uma dependência entre [*Augmented*] e [*Minimal*]. Portanto, o primeiro só será ativado se o segundo existir; e a leitura trial/paucal só é possível se for licenciada pela língua a ativação simultânea de [*Minimal*] e [*Group*], ou o número dual. Da mesma maneira, o traço [*Group*] só é ativado se o menos marcado [*Minimal*] estiver também, por ser a condição não marcada do nóculo maior de individuação. Em suma, a geometria (Figura 3) apreende a intuição: complexidade pressupõe simplicidade. Não é possível ter uma língua com [*Augmented*] ativado sem que seu nóculo mãe [*Minimal*] também esteja, pois o primeiro depende logicamente do segundo.

No que diz respeito ao nóculo [*Class*], Harley e Ritter (2002) assumem que ele é dependente ao nóculo [*Individuation*], mas optam por não discutir sua organização interna, por traços de gênero e classe variarem largamente entre línguas. Por ser dependente do nóculo de individuação, portanto de número, a organização captura o universal de Greenberg (1963, p. 95, tradução nossa) "se a língua tem uma categoria de gênero, ela tem uma de número". As autoras ainda acrescentam que, pelos dados de sua análise, este parecia ser um universal absoluto.

CAPÍTULO 4 - POR UMA GEOMETRIA DE TRAÇOS PARA CLASSIFICADORES INANIMADOS

*Bato à porta da pedra.
- Sou eu, deixa-me entrar.*

Wisława Szymborska

Neste capítulo, analisaremos comparativamente classificadores nominais de quatro línguas amazônicas, descritas no segundo capítulo desta monografia, com vias a propor uma geometria de traços preliminar para os classificadores que denotam entes inanimados. Este trabalho é inaugural em sua proposta, ao interessar-se pelos traços morfossintáticos, em nível de Lista 1, envolvidos nos artifícios de classificação nominal; e por realizar uma comparação de línguas amazônicas não aparentadas para este fim, colocando em uso o quadro da MD.

Ao adotar categorias e variáveis abstratas sujeitas às restrições da Gramática Universal, esta pesquisa insere-se no empreendimento da Tipologia Formal Gerativa (FGT, do inglês *Formal Generative Typology*) (Baker, 2010). Portanto, tem como norte questões como:

- (1) Quais propriedades de línguas naturais são genuinamente universais, inerentes à espécie humana como tal?
 - (2) Quais propriedades das línguas naturais variam de uma língua humana para a outra?
 - (3) Quais aspectos da variação são padronizados, sistemáticos, e gramaticais em sua natureza, e quais aspectos variam de maneira randômica, idiosincrática, e lexical por natureza?
- (Baker, 2010, p. 286, tradução nossa)¹⁷

Ademais, uma das principais preocupações da FGT é a expansão do número de línguas tratadas em perspectivas formais, para que as perguntas previamente apresentadas sejam respondidas de maneira satisfatória. Quando uma perspectiva com intenção de postular generalizações sobre o funcionamento da linguagem humana se atém a um pequeno número de línguas aparentadas, como foi o caso para as línguas Indo-Europeias durante boa parte da história dos estudos gerativos, pouco poderá realmente ser generalizado.

¹⁷ Original: (1) What properties of natural human languages are genuinely universal, inherent to the human species as such? (2) What properties of natural human languages vary from one human language to another? (3) Which aspects of variation are patterned, systematic, and grammatical in nature, and which aspects of variation are random, idiosyncratic, and lexical in nature?

Se os classificadores são um fenômeno frequente entre as línguas do mundo, principalmente para designar inanimados, era de se esperar características comuns entre suas manifestações. Em termos da Tipologia Linguística (Baker, 2001), isto se justifica pela premissa básica da área, de que a diversidade das línguas é comensurável. Indo para uma perspectiva gerativista de linguagem, isso explica-se por todos os classificadores precisarem ser gerados por uma mesma capacidade linguística, que é baseada em estruturas hierárquicas e que impõe diversas restrições de ocorrência para suas categorias.

Notadas as convergências dos sistemas, resta questionar de que maneira a GU poderia tratar deste fenômeno. Pensando em uma arquitetura de gramática como a da MD, na qual unidades com tamanho de palavra são geradas pelo mesmo componente computacional que as sentenças, parece justo afirmar que aquilo que há de mais básico nos classificadores nominais existiria em nível de Lista 1 (Cf. Capítulo 3), para ter possibilidade de ser manipulado pela sintaxe.

Apesar de não ser possível ter linearidade antes da aplicação de operações morfológicas, é digno de nota que, nas quatro línguas de nosso *corpus*, os classificadores apareceram consistentemente como os itens mais próximos às raízes. Além disso, estes têm um papel essencial na limitação do escopo semântico destas raízes, sendo muitas vezes responsáveis por prover individuação para elas e, quando mais gramaticalizados, são o que as licenciam como nominais. Sendo assim, os classificadores parecem existir em uma relação íntima com as raízes. O domínio de concatenação parece variar em termos de raiz e palavra, mas isso não será analisado neste trabalho, uma vez que foge ao seu escopo. Entretanto, deve ser tema de pesquisas subsequentes.

Tendo em vista a recorrência de várias categorias semânticas, partimos da hipótese que seria possível definir os traços morfossintáticos que subjazem os classificadores de entes inanimados. Esta hipótese justifica-se nos universais que Harley e Ritter (2002) são capazes de apreender com sua análise. A partir das generalizações feitas por Greenberg (1966) para as categorias de número, as autoras propõem um pequeno conjunto de traços; assim como explicam de que maneira a GU está hierarquizando-os para lançar as restrições observadas empiricamente. Acreditamos que o mesmo possa ser feito para o fenômeno que estamos analisando.

Reconhecemos as limitações da proposta feita aqui, uma vez que as características compartilhadas entre os classificadores nominais analisados podem ser

compreendidas como consequência de padrões areais e contato milenar pré-colombiano entre os povos, como dissemos na abertura do segundo capítulo. Entretanto, ainda é um esforço válido, por propor um tratamento das línguas no quadro da MD, corroborando para a empreitada da FGT.

4.1 [±SÓLIDO] e suas consequências: uma proposta de geometria de traços

De acordo com o *Dicionário Michaelis On-line*, dimensão é uma extensão que se pode medir em qualquer sentido. O verbete adiciona que também compreende tamanho, medida e volume. Munidos desta definição elementar do que se trata uma dimensão, repensemos as categorias propostas por Allan (1977) e as hierarquias postuladas por Croft (1994).

Retomando as categorias de Allan (1977) discutidas no Capítulo 1, fica claro o papel vital que a dimensionalidade tem nas categorias semânticas. O espaço ocupado ou não pelo ente inanimado e a maneira como isto ocorre são essenciais para as distinções entre classificadores. As noções de material, forma e consistência parecem estar sujeitas à dimensionalidade do ente, uma vez que certas interações entre categorias semânticas são impossíveis logicamente e empiricamente. A título de exemplo, é pouco viável imaginar um ente que tenha atributos gasosos e verticais, uma vez que as duas características parecem pertencer a planos diferentes de categorização.

No caso de Croft (1994), o autor nota a existência de uma grande categoria semântica de forma e que esta poderia, ou não, demonstrar três distinções de dimensionalidade. Em alguns momentos, chega a convergir com manifestações de orientação. Mudando a maneira de encarar isso, parece válido declarar que a parte fundamental do que se entende como forma é a própria possibilidade de ter dimensão. Em outras palavras, estes classificadores denotam entes passíveis de serem mensurados, seja por meio de tamanho, medida ou volume. Portanto, classificadores de entes inanimados que expressam forma necessariamente referem-se a itens que são capazes de ocupar espaço e serem percebidos como algo mensurável.

Ao traço que expressa esta mensurabilidade, fugindo de questões contabilidade, chamaremos de [+SÓLIDO]. Este apreende classificadores com características estáticas. Consequentemente, fala de itens que claramente podem ser medidos e/ou manipulados pelos falantes. Por ter sido encontrado ativo em todas as línguas do *corpus* e ter sido tratado como mais alto na hierarquia implicacional, assumiremos que este é o traço

ativo primário entre os classificadores. Em outras palavras, se uma língua tem um sistema de classificadores emergente, este provavelmente começaria com itens que elencam [+SÓLIDO]¹⁸.

Dentro deste nóculo, ainda precisa-se dar conta das três dimensões discutidas por Allan (1977) e Croft (1994). Assumimos que itens que denotam unidimensionalidade são essencialmente diferentes daqueles que trazem mais de uma dimensão. Na realidade, itens bidimensionais e tridimensionais pouco diferenciam-se entre si. Ambos carregam a noção de que o objeto em questão é manipulável, para além de observável. Já a unidimensionalidade contempla entes que só podem ser observados. Portanto, orientação seria um tipo de unidimensionalidade. Se o item é vertical, esta é a dimensão que está sendo imputada pelo falante. Já algo redondo sempre parece denotar algo manipulável.

Para exemplificar esta distinção, trouxemos os exemplos (1) e (2) do Tariana, retirados de Eberhard (2009), nos quais a raiz [-*heku-*] pode tomar diferentes classificadores:

(1) Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 85)

heku-na pana-phe matfa-phe-na
 tree-CL:VERT leaf-CL:LEAF.LIKE good-CL:LEAF.LIKE-CL:VERT
 ‘a tree which has beautiful leaves’
 (trad.: Uma árvore que tem belas folhas)

(2)

a. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 89)

hekuta
 tree-CL:INANIMATE.OBJECT/INSTRUMENT
 ‘paddle’
 (trad.: Remo)

b. Tariana (Aikhenvald, 2003, p. 62, grifo nosso)

wyaka naaaa pa:-da heku-da
 far 3pl+go:PAUS one-CL:ROUND wood-CL:ROUND
 di:keta=pidana diha
 3sgnf+meet=REM.P.REP he
 ‘They went far [PAUSE] (and) he encountered **one fruit**.’
 (trad.: Eles foram longe [PAUSA] (e) ele encontrou uma fruta)

¹⁸ Diferente de Harley e Ritter (2002), optamos por uma subespecificação binária e não radical para a informação de dimensão dos classificadores. Esta escolha se dá por percebermos a relevância de itens que correspondem aos [-SÓLIDO], ao que claramente compreendem uma ausência de dimensionalidade que não é apreensível ou explicável por meio do traço positivo ou por uma subespecificação radical. Ademais, as noções de [-SÓLIDO] e [+SÓLIDO] são complementares. Portanto, seria contraditório existir um classificador com ambos os traços ao mesmo tempo. A mesma lógica é aplicada aos nóculos filhos de [±SÓLIDO].

Em (1), tem-se o exemplo de duas categorias que podem ser compreendidas como unidimensionais. Nos termos de Croft (1994), estas seriam respectivamente noções de orientação, com o classificador vertical, e de natureza, com o classificador de foliforme. Entretanto, em ambos os casos, os classificadores falam de propriedades que podem apenas ser vistas pelo falante, não necessariamente manipuladas. Portanto, é de se esperar que sejam [+SÓLIDO]. À unidimensionalidade percebida em casos como este, atribuímos o traço [-VOLUME], uma vez que volume compreende algo com uma dimensão.

Em (2), têm-se exemplos de itens que desempenham alguma função (2a) e que parecem possuir volume. No caso da funcionalidade (2a), apesar desta não ser algo observável ou manipulável, o classificador concede estas características à raiz [-*heku-*], dando-o a possibilidade de ser manipulado pelo falante. Por isso, compreendemos que função prevê dimensionalidade em mais de um nível. Já em (2b), vê-se o emprego do classificador para redondo, gerando a noção de fruta. Como dito em §2.2, Croft (1994) diz que frutas são a demonstração de tridimensionais por excelência e que muitas vezes carregariam consigo uma marcação de redondo. Seguindo esta lógica, o classificador para redondo traz a noção de volume também, ao criar um ente que é capaz de ser manipulado e observado. A partir destas observações, entenderemos que classificadores como aqueles em (2), além de [+SÓLIDO], tem o traço subjacente [+VOLUME].

Além do traço [+SÓLIDO], ficou perceptível com a análise dos classificadores nas quatro línguas selecionadas que alguns classificadores dificilmente poderiam ser entendidos como entes delimitados, como é previsto pela dimensionalidade. Este foi o caso do classificador para líquidos, discurso, gases, som e ar do Mamaindê. Em (3), trouxemos exemplos de manifestações deste classificador na língua.

(3) Mamaindê (Eberhard, 2009, p. 338)

a.

kalolo-sq-tu

thunder-NCL.SOUND-FNS

‘thunder’

(trad.: Trovão)

b.

lau?nũn-sq-tu

dizzy-NCL.LIQUID-FNS

‘dizzy drink/alcoholic beverage’

(trad.: Bebida alcoólica)

c.

ta-set-a-sq

PS1-speak-GNT-NCL.LIQUID/SPEECH

‘my words’

(trad.: Minhas palavras)

Nos casos em (3), é difícil justificar que estejam no mesmo domínio de distinções semânticas daquelas exemplificadas em (1) e (2). Os entes inanimados não estão sendo percebidos como ocupando algum espaço no ambiente e não podem ser mensuráveis. Também são entes que denotam alguma fluidez, que não é percebida em classificadores com [+SÓLIDO]. Aos entes inerentemente fluidos, atribui-se o traço [-SÓLIDO]. Por isso, a presente pesquisa propõe que a grande divisão semântica entre os inanimados se daria no traço [±SÓLIDO], em vez da infinidade de distinções previamente propostas por Allan (1977) e Croft (1994).

Buscando apreender a organização do nóculo [-SÓLIDO], coloca-se que este caracteriza-se pela contenção destes entes fluidos, portanto, [±CONTIDO]. Os exemplos em (16) representam classificadores que apresentam o traço [-CONTIDO]. Os classificadores que elencam o traço [+CONTIDO] parecem comumente demonstrar noções como uma palavra, um lago, um rio, um período de tempo, entre outros. Nas línguas analisadas nesta pesquisa, apenas Tariana e Mamaindê apresentaram o nóculo [-CONTIDO] ativo.

Em suma, assumimos que o traço [+SÓLIDO] apreende a noção de dimensionalidade. Ademais, compreende que as dimensões têm caráter mensurável, estático¹⁹ e sólido. Sobre seus traços filhos, darão conta da ruptura percebida entre unidimensionalidade e multidimensionalidade. Quando o classificador imputa ao nominal a condição de unidimensional, entende-se que o traço [-VOLUME] está em jogo. Em contraponto, quando mais de uma dimensão está envolvida, é atribuído ao traço [+VOLUME]. A este também atribuímos: a possibilidade de algo ser manuseado, o movimento independente do ente pelo ambiente ao seu redor, e as expressões de função que alguns classificadores exprimem.

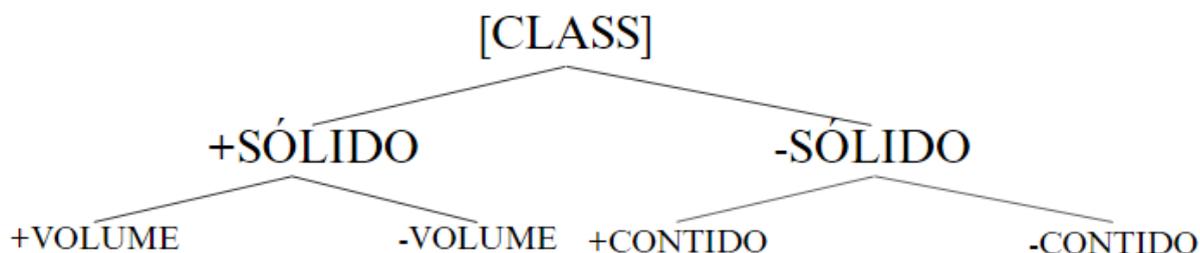
Em relação ao traço [-SÓLIDO], assume-se a fluidez que é incapaz de ser compreendida por suas dimensões ou mensurabilidade. Posto isso, o que se salienta não diz respeito a alguma forma definida, mas a condição mutável do estado de matéria do

¹⁹ Por estático, estamos assumindo que o ente não é mutável. Portanto, tende a manter sua forma.

ente. Sobre seus traços filhos, [+CONTENÇÃO] apreende classificadores onde a fluidez é delimitada de alguma maneira; já [-CONTENÇÃO] leva a leituras de que o ente tem características de algo que existe livremente, em sua fluidez incontível. Por consequência, o nóculo [-SÓLIDO] parece ter alguma ligação com noções de não-contabilidade.

Na Figura 4 abaixo, propomos a geometria dos traços previamente discutidos.

FIGURA 4 - Geometria de Traços para entes inanimados



Nas próximas quatro subseções, aplicamos a geometria de traços ilustrada na Figura 4 às línguas adotadas para o *corpus*. Com isso, esperamos elucidar a validade dos traços morfossintáticos propostos. As geometrias serão apresentadas em ordem de complexidade e, para cada uma, há uma tabela com exemplos de classificadores que adotariam os traços, assim como exemplos. Iniciaremos com o Munduruku, que consideramos ter a geometria com menos traços ativados, o que atribuímos a seu sistema de classificadores emergente. Em seguida, analisaremos a geometria do Kotiria, que apresenta quase todos os traços ativos, a não ser o de [-CONTIDO]. Por fim, temos as subseções de Mamaindê e Tariana, respectivamente. Ambos apresentaram manifestações da geometria de traços completamente ativada, com exemplos para todos os nóculos.

4.1.1 Geometria de Traços do Munduruku

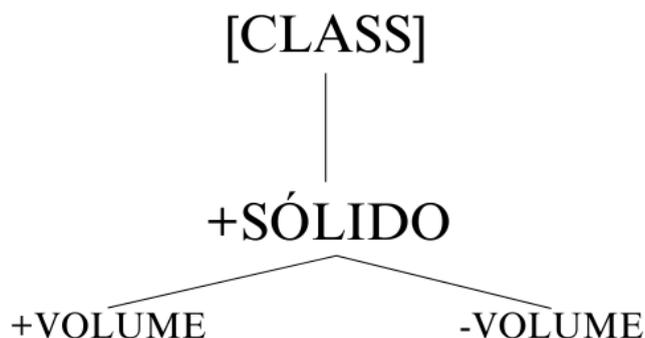
Como pode ser visto na seção 2.2, o paradigma de classificadores do Munduruku é o menor entre as línguas do *corpus*, contando com apenas oito itens. Este pequeno paradigma se dá por ser um sistema emergente, pouco gramaticalizado (Gomes, 2010). Sendo este o caso, imaginamos que o Munduruku possa ter uma quantidade menor de

traços ativos em relação às outras línguas. Conseqüentemente, é possível assumir que apresentará classificadores menos marcados. Esta assunção justifica-se na necessidade de existirem classificadores mais simples antes que os mais complexos apareçam.

Quanto à geometria de traços, Munduruku apresenta um nóculo de [+SÓLIDO] completamente desenvolvido, com ambos os traços [\pm VOLUME] ativados. A distribuição feita leva a entender que os classificadores aparecem igualmente nos traços filhos do nóculo [+SÓLIDO], não sendo possível determinar um traço com mais participantes. Já o nóculo [-SÓLIDO] não parece estar ativado na língua, uma vez que todos os classificadores referem-se a entidades estáticas em seu formato.

Na Figura 5, dispomos da geometria do Munduruku, como discutida.

FIGURA 5 - Geometria de Traços do Munduruku



A partir desta observação, é válido questionar se o nóculo [-SÓLIDO] só pode aparecer caso [+SÓLIDO] esteja completamente ativado, ou se os dois podem existir independentes.

Na Tabela 2, têm-se alguns exemplos da distribuição dos classificadores do Munduruku distribuídos nos traços propostos na presente pesquisa, assim como alguns contextos em que estes são utilizados. A seguir, discutiremos as propriedades de alguns destes

TABELA 2 - Classificadores do Munduruku

+SÓLIDO			
	<i>CLASS</i>	<i>SEMÂNTICA</i>	<i>EXEMPLO</i>
- VOLUME	<i>dup/tup</i>	foliforme	<i>koykoy dup</i> remo (Gomes 2010, p. 8)
	<i>-'ip</i>	em formato de pau, bastão	<i>ako 'ip</i> pé de bananeira (Gomes, 2010, p. 8)
+ VOLUME	<i>-'a</i>	arredondado, esferóide	<i>muyao 'a</i> goiaba (esferoide da goiabeira) (Gomes, 2010, p. 8)
	<i>-'uk</i>	oco	<i>kio 'uk</i> flauta (Gomes, 2006, p. 179)

Fonte: Elaboração nossa

No Munduruku, observa-se a relação entre as noções de *fruta* e *redondo*, pontuada por Aikhenvald (2000) como uma comparação frequente entre as línguas com classificadores. O classificador [-'a] une-se à raiz [*muyao*] para formar a noção de um esferóide da goiabeira ou goiaba. Como foi pontuado anteriormente, tomamos para a pesquisa que as noções de esferóide e fruta são logicamente tridimensionais, uma vez que a fruta pressupõe alguma manipulação humana, não podendo ser compreendida como apenas um delineado de certo formato, por exemplo. Portanto, atribuímos a [-'a] os traços [+SÓLIDO[+VOLUME]].

A mesma combinação de traços é esperado para o classificador para oco [-'uk]. Isso justifica-se por compreendermos que função pressupõe tridimensionalidade e este parecer atribuir alguma função aos nominais dos quais faz parte. A exemplo disso, a Tabela 6 traz o classificador como formador da palavra para *flauta* [*kio 'uk*].

No tocante ao classificador para itens com formato de pau ou bastão [-'ip], este é atribuído a condição de [+SÓLIDO[-VOLUME]], apesar desta leitura estar aberta a questionamentos. Este classificador remete às ideias de algo vertical e longo. Por isso, no exemplo citado na Tabela 2, é o que confere à raiz para *banana* [*ako*] o entendimento de que refere-se ao pé de banana. Ou seja, o ente vertical do qual a banana procede. Em nossa análise, compreendemos que [-'ip] diz respeito à propriedade unidimensional de verticalidade. Portanto, o que está sendo percebido em [*ako 'ip*] é a verticalidade do

local do qual a banana procede. Entretanto, deve-se tomar nota de que o mesmo classificador é adotado para formar a palavra para *lápiz* [*rapi'ip*] e *caneta* [*kaneta'ip*]. Cabe a análises futuras compreender se o classificador está conferindo a estes nominais alguma leitura de função, uma vez que esta seria uma atribuição ligada ao traço [+VOLUME].

Outro classificador que exemplifica a ativação do traço [-VOLUME] é aquele referente à noção de foliforme. Na sua função não-classificatória, [*dup/tup*] pode ser utilizado para referir-se a insetos e alguns animais pequenos, sendo estes entes com independência de movimento. Entretanto, apesar de termos dito que movimentação muitas vezes pressupõe tridimensionalidade, defendemos esta atribuição por referir-se ao formato da folha, como pode ser visto no exemplo da Tabela 2. Neste, a variável [*dup*] é utilizada para formar a palavra remo. Em seus usos, não parece ser o que confere a possibilidade de ter função ao remo, mas seu formato semelhante a uma folha. Sendo assim, deve ser compreendida como uma característica unidimensional imputada ao nominal.

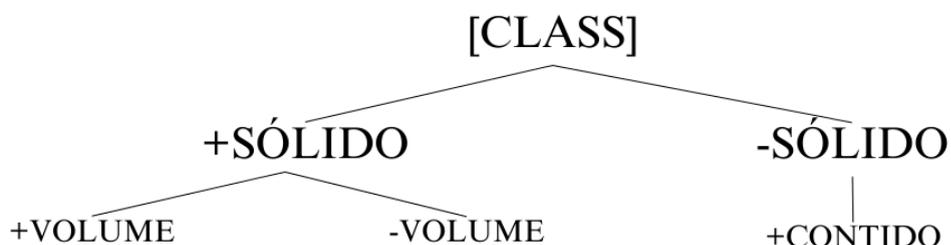
4.1.2 Geometria de Traços do Kotiria

De acordo com a relação disponibilizada por Waltz (2007), retomando aquilo discutido em §2.2.2, o Kotiria contém cerca de 91 classificadores, utilizados para caracterizar entes inanimados contáveis. No entanto, apesar de seu grande paradigma, a língua não apresenta todos os traços ativados na geometria proposta pela presente pesquisa.

Não percebemos instâncias de classificadores que insiram-se nos critérios para [-CONTIDO]. A língua apresenta um grande número de classificadores que indicam formas, adequando-se aos critérios para [+SÓLIDO], mostra apenas duas instâncias de [-SÓLIDO[+CONTIDO]]. São essas: rio [-*ba*] e lago ou lagoa [*taro*].

Na Figura 6, dispomos da geometria de traços correspondente aos classificadores do Kotiria.

FIGURA 6 - Geometria de Traços para Kotiria



Para justificar esta geometria, tem-se a Tabela 3. Esta conta com alguns classificadores que ilustram bem as propriedades atribuídas a cada traço morfossintático proposto. A seguir,

TABELA 3 - Alguns classificadores do Kotiria

+SÓLIDO			
	<i>CLASS</i>	<i>SEMÂNTICA</i>	<i>EXEMPLO</i>
- VOLUME	<i>-da</i>	corda, estrada	<i>phi-ri-da</i> be.big-NOM-CLS:ropelike aquilo que é longo e como uma corda (refere-se a uma cobra morta). (Stenzel, 2004, p. 144)
	<i>-kɯ</i>	árvore	<i>~bɯ'ro-kɯ</i> tobacco-CLS:tree um cigarro grosso (Stenzel, 2004, p. 147)
+ VOLUME	<i>-dɯ</i>	cilíndrico e reto	<i>hoa-dɯ</i> write-CLS:cilíndrico/reto uma caneta / um lápis (Stenzel, 2004, p. 144)
	<i>-paro</i>	cilíndrico e curvado	<i>ho-paro</i> banana-CLS:cilíndrico/curvado uma banana (Stenzel, 2004, p. 144)
	<i>-ka</i>	redondo	<i>~ta-ka</i> rock-CLS:redondo uma pedra (Stenzel, 2004, p. 144)

	<i>~phi</i>	longo, plano/como uma lâmina	<i>sio-ri~phi</i> be.long-NOM-CLS:long,flat/bladelike um machete (Stenzel, 2004, p. 145)
-SÓLIDO			
+ CONTIDO	<i>-taro</i>	lago, lagoa	<i>hi-ri-taro</i> COP-NOM-CLS:lake um local que parece um lago (Stenzel, 2004, p. 147)
	<i>~ba</i>	rio ou caminho	<i>khua-ri~ba</i> be.dangerous-NOM-CLS:river um rio perigoso (Stenzel, 2004, p. 155)

Fonte: Elaboração nossa

Discutindo a distribuição feita para os classificadores nos traços propostos, iniciaremos com redondo [-ka]. Como dito no início desta análise, classificadores para redondo parecem ser os mais comuns entre as línguas. Allan (1977) compreende a categoria como associada à noção de fruta, que é, por excelência, um exemplo de tridimensionalidade.

No caso do Kotiria, atribuímos o traço [+VOLUME] ao classificador de redondo por ele gerar leituras de fruta. Não encontramos exemplos de dados para estas ocorrências, mas a possibilidade é citada por Stenzel (2004, p. 186). Em vez disso, a Tabela 3 conta com a adição de [-ka] à raiz para pedra, gerando a interpretação que trata-se de uma pedra. Apesar de ser possível assumir que o classificador só está indicando uma forma arredondada ou circular para a pedra, parece ser uma explicação mais aceitável dizer que [-ka] está conferindo tridimensionalidade à pedra, uma vez que sua forma não necessariamente faz parte da leitura indicada. Se fizesse, talvez fosse compreendido a *pedra redonda*, que existe em contraponto a uma pedra de outro formato. Em defesa do entendimento de [-ka] como um classificador que conta com [+VOLUME], citamos que ele também pode ser atribuído a animados de baixa relevância, como caranguejo [*~pu-ka*] e caramujo [*~su'i-ka*], entes capazes de movimentação independente e que, portanto, possuem mais de uma dimensão.

A exemplo de um classificador que expressa a noção de fruta, sem necessariamente elencar a ideia de redondo, tem-se [-paro], que indica cilíndrico curvo. No exemplo da Tabela 3, o classificador é empregado para a formação de *banana*. Além

disso, [-*paro*] move mais de duas dimensões, cilíndrico e curvado. Por estas razões, entende-se que é uma manifestação de [+VOLUME].

Complementar a [-*paro*], o classificador [-*ku*] também é atribuído o traço [+VOLUME]. Isto se justifica pelo classificador parecer veicular mais de uma dimensão, por ser descrito como cilíndrico e reto. Ademais, o exemplo na Tabela 3 leva a entender que o classificador pode conferir instrumentalidade à raiz para escrita [*hoa-*], uma vez que gera a palavra para lápis, o instrumento com o qual se escreve.

O classificador [-*~phi*] é compreendido como contendo o traço [+VOLUME] por gerar apenas nomes de itens que servem como ferramentas. Como discutido na seção anterior, trabalhamos com a hipótese de que a instrumentalidade expressa pelos classificadores só é possível se mais de uma dimensão for contemplada.

No exemplo para [-*~phi*] da Tabela 3²⁰, trouxemos a instância em que este une-se a forma deverbal de *ser.longo* para formar a ferramenta machete. Se o mesmo classificador fosse concatenado à raiz *ser.afiado* [*sio*], teria-se a ideia de que é uma faca. Com isso, é válido assumir que a leitura de instrumento atribuída às duas nominalizações é feita pelo classificador.

Corroborando o argumento de que [+VOLUME] é responsável por leituras instrumentais dos inanimados, é possível citar a construção com [-*~phi*] em (5), no qual o classificador está unido ao classificador para árvore [-*ku*] para expressar que a faca é feita de madeira ou proveniente de uma árvore.

- (4) Kotiria (Stenzel, 2004, p. 145)
yuku-ku-~phi
 tree-CLS:tree-CLS:long,flat/bladelike
 ‘a wooden knife’
 (trad.: Uma faca de madeira)

Em (4), o classificador para árvore [-*ku*] parece expressar a procedência da faca ou o visual do material do qual ela é feita. Com isso, entende-se que apenas uma dimensão está sendo veiculada. Enquanto que [-*~phi*] traria a leitura que trata-se de uma ferramenta, como ocorreu nos exemplos com nominalizações dados anteriormente.

Ao classificador [-*du*] também é atribuído o traço [+VOLUME]. Isto se justifica pelo classificador parecer veicular mais de uma dimensão, por ser descrito como cilíndrico e reto. Além disso, o exemplo na Tabela 3 leva a entender que o classificador

²⁰ Na amostra disponibilizada por Stenzel (2004), [-*~phi*] é ilustrado apenas unindo-se a formas deverbais, dado o uso do nominalizador

pode conferir instrumentalidade à raiz para escrita [*hoa-*], uma vez que gera a palavra para lápis, o instrumento com o qual se escreve.

No que diz respeito ao classificador para itens que assemelha-se a uma corda ou a um filamento [*-da*], o compreendemos como portador dos traços [+SÓLIDO[-VOLUME]]. No exemplo dado na Tabela 3, o classificador é unido ao verbo nominalizado *ser.grande* [*phi-*] para caracterizar uma cobra morta encontrada. Neste caso, o aspecto de corda imputado aos nominais, como é o caso de cobra, parece dizer respeito à noção de uma linha que conta com diversas curvaturas. Entretanto, essas curvaturas não compreendem alguma dimensionalidade, apenas a maneira como a linha se apresenta.

Indo para a análise dos classificadores que parecem ter o nódulo [-SÓLIDO] ativado, não encontramos dados de classificadores suficientes para justificar a existência do traço [-CONTIDO]. Portanto, seguindo os parâmetros desta análise, acreditamos que a língua possui apenas a possibilidade de [+CONTIDO]. Em ambos os exemplos dispostos na Tabela 3, têm-se nominais que são constituídos por água, a lagoa e o rio. Partimos do entendimento que a água presente nestes classificadores e a fluidez imputada por ela são incompatíveis ao traço [+SÓLIDO]. Sendo assim, noções como estas deveriam ser abarcadas pelo traço [-SÓLIDO].

4.1.3 Geometria de Traços do Mamaindê

Retomando a apresentação dos classificadores feita em §2.3.2, o Mamaindê conta com 24 classificadores. Apesar de ocorrerem em número menor do que o Kotiria, o Mamaindê apresenta uma versão completamente ativada dos traços apresentados na geometria da Figura 4.

Na Tabela 4, assim como nas seções anteriores, reunimos alguns exemplos de classificadores que, nesta língua, carregam os traços morfossintáticos propostos.

TABELA 4 - Classificadores do Mamaindê

+SÓLIDO			
	CLASS	SEMÂNTICA	EXEMPLO
- VOLUME	- <i>t^hãn?</i>	foliforme	<i>ka?jãin?-t^hãn?-tu</i> write-NCL.LEAFLIKE-FNS writing leaf thing/paper

			(Eberhard, 2009, p. 331)
	- <i>teh</i> - <i>leh</i>	objeto com forma de fio	<i>lan-teh-tu</i> full of liquid-NCL.STRING-FNS estrada cheia de líquido (veias) (Eberhard, 2009, p. 332)
+ VOLUME	- <i>kanĩn</i>	redondo/esférico	<i>lah-kanĩn-tu</i> new-NCL.ROUND-FNS coisa redonda nova/bebê (Eberhard, 2009, p. 331)
	- <i>sen</i> - <i>len</i> - <i>k^hen</i>	container	<i>siu-len-tu</i> basket-NCL.CONTAINER-FNS cesta (Eberhard, 2009, p. 334)
-SÓLIDO			
- CONTIDO	- <i>sq</i> - <i>jq</i> - <i>na</i>	líquido/fala/gás/som	<i>hain-sq-nu-tu</i> sing-NCL.SOUND-TMP.FUT-FNS a cantoria do futuro/música do futuro (Eberhard, 2009, p. 343)
+ CONTIDO	- <i>hen</i>	tempo	<i>k^hen-hen-ã</i> be.dry.season-NCL.TIME-FNS (Na) estação seca (Eberhard, 2009, p. 365)

Fonte: Elaboração nossa

Iniciando pelo classificador para redondo, [-*kanĩn*]²¹, este é colocado como um [+SÓLIDO[+VOLUME]], como esperado e observado nas subseções anteriores. No exemplo selecionado, o classificador expressa a condição arredondada de uma entidade nova, ao concatenar-se à raiz [-*lah*], que é entendida como um bebê. De acordo com Eberhard (2009), o nome se dá pela cabeça grande dos bebês. Portanto, é lógico assumir que a cabeça não só tem dimensionalidade, como tem mais de uma dimensão, tratando-se de algo com o traço [+VOLUME].

No entanto, é digno de nota que alguns dados colocados por Eberhard (2009) levam a questionar a estabilidade da leitura de [-*kanĩn*] como detentora do traço

²¹ Na gramática do Latundê/Lakondê, língua Nambikwara do Norte do Subgrupo Roosevelt, Telles (2002, p. 187) toma nota dos classificadores presentes naquela língua. A autora lista um paradigma menor do que o do Mamaindê. Apesar disso, este conta com um classificador para redondos [-*ki ĩn-*], o qual Telles (2002) também atribui imputar aos nominais a leitura tridimensional. Assumindo que os dois classificadores sejam aparentados, o que não seria impossível, uma vez que ambos têm claras semelhanças fonológicas e são línguas proximamente aparentadas, é de se esperar que compartilhem alguma semântica. Portanto, se o classificador no Latundê/Lakondê passa a ideia de tridimensional, não seria absurdo assumir que há algo semelhante no [-*kanĩn*] do Mamaindê.

[+VOLUME]. Um exemplo disto é o uso frequente do classificador para referir-se à lua [*ʔenʔ-kʰanĩn*] (Eberhard, 2009, p. 420). Este parece fazer referência à forma da lua como pode ser percebida da terra. Ou seja, seu delineado unidimensional redondo. Faz-se necessário investigar mais o escopo semântico do classificador.

Outro classificador que percebemos portar o traço [+VOLUME] é aquele que codifica a noção de container, [-*sen/-len/-kʰen*]. Este demonstra elencar mais de uma dimensão ao ser compreendido como um item oco, capaz de conter outros entes. Este parece ter papel comparável ao classificador para oco do Munduruku, [-*uk*]. No exemplo da Tabela 4, têm-se a instância em que o classificador une-se à raiz para cesta [*siu*], para imputar à cesta a capacidade de carregar itens.

Em contraponto, o classificador para foliforme [-*tʰãnʔ*] surge como um dos exemplos para [+SÓLIDO[-VOLUME]] no Mamaindê. Essa compreensão parte da suposição que classificadores para foliforme normalmente referem-se a itens com formato de folha. Portanto, chamam atenção para um aspecto unidimensional: o delineado de uma folha ou seu aspecto sem espessura. Na gramática de Eberhard (2009), encontramos apenas o exemplo dado na Tabela 4. Neste, foliforme é atribuído à raiz para escrita [*kaʔjãinʔ*] para criar uma leitura como *item semelhante a uma folha para a escrita*. Sendo assim, faz-se necessário buscar outras ocorrências deste classificador em Mamaindê, a fim de checar se pode ser feita uma leitura de algo que veicule mais de uma dimensão. Nesta pesquisa, assumimos que o classificador passa a noção de [-VOLUME].

Indo aos classificadores que elencam o traço [-SÓLIDO], o classificador que parece expressar primorosamente a compreensão de um não-sólido é aquele que Mamaindê emprega para líquidos, sons, gases, fala e ar, [-*sq/-jq/-na*]. De acordo com Eberhard (2009), a língua tem uma metáfora acerca da fala, que leva a entendê-la como portadora de atributos líquidos. Sendo assim, é imputada à fala a fluidez inerente e a ausência de forma de líquidos.

Defende-se que [-*sq/-jq/-na*] é uma representação de um [-SÓLIDO[-CONTIDO]] pela fluidez ininterrupta codificada pelo classificador. O exemplo na Tabela 4 ilustra o cenário. Quando trata-se de uma cantoria futura, não se trata de um fenômeno capaz de ser atribuído propriedades de dimensionalidade, uma vez que a cantoria não pode ser mensurada. De maneira semelhante, a cantoria dificilmente pode ser contida, por ser um fenômeno que corre livremente.

A fim de ilustrar um [-SÓLIDO[+CONTIDO]], trouxemos o classificador para tempo [-*hen*]. Atribuímos este conjunto de traços morfossintáticos ao classificador por denotar um espaço de tempo que é delimitado de alguma maneira, passando a leitura de algo contido. O classificador denota o período do ano em que há a estação seca. Se o classificador se referisse à noção mais abstrata de tempo enquanto uma categoria ao qual estamos sujeitos, poderia-se ter uma percepção de traço [-CONTIDO]. Entretanto, este não foi o caso observado nos dados registrados por Eberhard (2009, 2022) para o Mamaindê.

Assim como o classificador para líquido, a noção de tempo não pode ser satisfatoriamente explicada apenas com o traço de [+SÓLIDO], uma vez que trata-se de um conceito abstrato que é pouco justificável como dimensional. Portanto, faz-se necessária uma contraposição à [+SÓLIDO], imposta por [-SÓLIDO].

4.1.4 Geometria de Traços do Tariana

Como dito em §2.4.2, o Tariana conta com mais de 60 classificadores. Assim como o Mamaindê, Tariana é uma língua na qual a geometria de traços apresenta-se completamente ativa, a exemplo daquela na Figura 4. Para discutir os traços ativos em Tariana e elucidar sua geometria, elaboramos a Tabela 5, na qual podem-se ver exemplos de classificadores aos quais são atribuídos cada conjunto de traços.

TABELA 5 - Classificadores do Tariana

SÓLIDO			
	<i>CLASS</i>	<i>SEMÂNTICA</i>	<i>EXEMPLO</i>
- VOLUME	<i>-kwa</i>	superfície plana	<i>enu-kwa</i> céu (Aikhenvald, 2003, p. 89)
	<i>-kha</i>	curvilínea	<i>kule-kha</i> linha de pesca (Aikhenvald, 2003, p. 90)
+ VOLUME	<i>-da</i>	redondo	<i>heku-da</i> fruta (Aikhenvald, 2003, p. 89)
	<i>-pu</i>	alongado e oco	<i>nawiki-pu</i> túmulo (Aikhenvald, 1994, p. 454)

NÃO-SÓLIDO			
- CONTIDO	<i>-kuru</i>	névoa, fumaça	<i>haria-kuru</i> fumaça branca (Aikhenvald, 2003, p. 91)
+ CONTIDO	<i>-yapi</i>	espaço de tempo	<i>kamu-yapi</i> um ano (Aikhenvald, 2003, p. 92)

Fonte: Elaboração nossa

Iniciando pelo classificador para redondo [-*da*], este une-se à raiz para árvore ou madeira [*heku-*] para gerar o sentido de fruta. O Tariana segue aquilo observado nas outras três línguas: os morfemas que imputam a forma redonda aos nominais tendem a referir-se a frutas. Apesar de outros classificadores desempenharem a mesma função, esta parece ser mais frequente em indicadores de redondo ou esférico. Conseqüentemente, é um classificador com leitura frequentemente tridimensional. Portanto, é coerente atribuir o traço [+SÓLIDO[+VOLUME]] a ele.

Outra manifestação dos traços [+SÓLIDO[+VOLUME]] em Tariana é o classificador para algo alongado e oco [*pu-*]. Como discutido no início deste capítulo, itens que compreendam mais de uma dimensão são portadores de [+VOLUME]. Portanto, algo imputado como simultaneamente oco e alongado necessariamente trata de uma percepção de tridimensionalidade. Outra condição para [+VOLUME] previamente mencionada é a possibilidade de atribuição de função ao ente. Sendo assim, o exemplo selecionado corrobora essa leitura. Por mais que o entendimento de túmulo dos Tariana seja bastante distinto do nosso, ele pressupõe alguma tridimensionalidade, uma vez que deve ser um local, com função social, onde se colocará alguém. Para que tenha função e possibilidade de armazenamento, é logicamente tridimensional.

Aos exemplos de classificadores com traços [+SÓLIDO[-VOLUME]], primeiro tem-se o classificador que indica superfície plana [*kwa*]. O consideramos uma manifestação de [-VOLUME] por tratar apenas de uma superfície, algo unidimensional. Isto é atestado por seu uso no exemplo da Tabela 5. Neste, o classificador é empregado para a formação da palavra *céu* [*enu-kwa*], que parece ter atributos unidimensionais, ao só ser passível de observação, sem manipulação possível.

O outro classificador exemplo desta combinação de traços imputa ao nominal a noção de curvilinear [*kha*]. Ao analisar os dados colocados por Aikhenvald (1994,

2003), este parece indicar itens unidimensionais, uma vez que indica uma linha curvada. No dado que está disposto na Tabela 5, [-*kha*] participa da formação de linha de pescar [*kule-kha*]. Apesar da noção de linha ser atribuída ao traço [-VOLUME], buscamos compreender se esta não auxiliava à leitura de função que linha de pesca indica. No entanto, no que foi possível encontrar, parece dizer respeito à qualidade de linha. Corroborando esta leitura, citamos a aplicação do classificador na formação da palavra para arco-íris [*hewya-pi-kha*], indicando a curva característica do fenômeno. Conclui-se que o classificador parece falar da curvatura percebida nos entes, que diz respeito a apenas uma dimensão.

No tocante aos classificadores compreendidos como [-SÓLIDOS], o classificador para espaço de tempo [-*yapi*] serve para ilustrar aqueles que são compostos por [+CONTIDO]. No exemplo disposto na Tabela 5, o mesmo une-se à raiz para ano [*kamu-*] Assim como o classificador para tempo encontrado no Mamaindê, este oferece a leitura de um espaço limitado de tempo. Portanto, traz a fluidez imputada pelo nódulo [-SÓLIDO] cerceada de alguma maneira, propriedade de [+CONTIDO].

Em contraponto, um exemplo de um classificador [-SÓLIDO[-CONTIDO]] seria aquele que denota uma névoa ou fumaça [-*kuru*]. Pelo exemplo na Tabela 5, no qual o classificador está ligado à raiz para algo branco [*haria-*], fica clara a impossibilidade de mensurar a abrangência desta fumaça, tanto por sua fluidez de movimento como sua impossibilidade de ser delimitada claramente.

4.2 Sumário

Neste capítulo, realizou-se a análise de dados secundários referentes a quatro línguas amazônicas geneticamente distintas. Para este fim, retomamos as categorias semânticas propostas por Allen (1977) e Croft (1994) para os classificadores, discutidas no primeiro capítulo desta monografia. Consistentemente foi notada a existência de classificadores que necessariamente imputam dimensionalidade, e outros que dificilmente podem ser compreendidos como denotadores de dimensão. Para dar conta desta observação propusemos o nódulo [\pm SÓLIDO], que dá conta dos dois tipos de informações sendo passadas pelos classificadores.

Aos referentes atravessados por mensurabilidade e estaticidade, pressupõe-se dimensionalidade. Portanto, adotam o traço de [+SÓLIDO]. Este ainda possui o nódulo filho [\pm VOLUME], o qual apreende a distinção entre de classificadores dotados apenas

uma dimensão [-VOLUME]; e classificadores que passam noções de tridimensionalidade, que acarreta outras noções como funcionalidade e movimento independente, aos quais atribuiu-se [+VOLUME].

Já os classificadores que exprimem uma fluidez inerente, não mensurável, sem forma estática e com algum aspecto incontável, são atribuídos ao traço [-SÓLIDO]. Este tem ainda um nóculo filho: [±CONTIDO]. Caso o traço seja atribuído um valor positivo [+CONTIDO], entende-se que a fluidez imputada pelo [-SÓLIDO] é delimitada de alguma maneira. Já o valor negativo [-CONTIDO], compreende fenômenos que correm livremente. É este o caso de classificadores de *líquido*, encontrado no Mamaindê, e *fumaça*, no Tariana, por exemplo. Após estabelecer os traços e organizá-los em uma geometria, aplicamos a geometria de traços nas quatro línguas que compõem o *corpus*, a fim de testar a proposta feita em seu poder explicativo.

Após a explicação, notamos alguma diversidade nos traços ativos entre as quatro línguas. Entretanto, em todas as línguas, o nóculo [+SÓLIDO] estava completamente ativo, o que nos leva a supor que este trata-se de um traço primário em termos de classificação nominal. Se uma língua vier a desenvolver classificadores nominais, parece razoável assumir que estes denotam as noções de dimensionalidade expressas por [+SÓLIDO], antes de ter algo para salientar as qualidades de líquidos, atribuídas a [-SÓLIDO]. Para compilar estas informações, elaboramos o Quadro 2, o qual compara os traços ativos em cada uma das línguas analisadas.

QUADRO 2 - Quadro comparativo de traços ativos em quatro línguas

	[+SÓLIDO]		[-SÓLIDO]	
	[+VOLUME]	[-VOLUME]	[+CONTIDO]	[-CONTIDO]
Munduruku	✓	✓		
Kotiria	✓	✓	✓	
Mamaindê	✓	✓	✓	✓
Tariana	✓	✓	✓	✓

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, realizou-se a análise comparativa de classificadores nominais em quatro línguas amazônicas geneticamente distintas, com o objetivo de propor uma geometria de traços morfossintáticos preliminar para estes artifícios de classificação nominal.

Inicialmente, no primeiro capítulo, apresentamos um breve panorama do estudo de classificação nominal em correntes tipológico-funcionais, deixando dispostas algumas noções acerca dos classificadores com as quais a monografia trabalharia. Em seguida, fizemos uma discussão sobre as categorias semânticas elencadas pelos autores (Allan, 1977; Croft, 1994; Aikhenvald, 2000), assim como distinções semânticas consideradas prevalentes entre as línguas do mundo com classificadores. Revisitando as sete categorias semânticas elaboradas por Allan (1977) e algumas das hierarquias discutidas por Crofts (1994), nota-se a relevância de categorias de rigidez e formato para entes inanimados. A partir de nossa revisão desta literatura, ficou claro que estas distinções semânticas operam regidas por uma série de restrições. Por exemplo, seria impossível que um classificador explicitasse rigidez sem indicar forma. Portanto, não poderia-se ter um classificador em uma língua que indicasse apenas que um item é rígido. Damos conta destas restrições e distinções semânticas atribuindo-as à dimensionalidade imputada ou salientada aos entes inanimados.

No segundo capítulo, foi apresentada uma revisão de literatura para cada uma das línguas componentes do *corpus*, a fim de elucidar o funcionamento de suas gramáticas, do ponto de vista tipológico, e localizar seus classificadores nominais em relação ao sistema da língua. Ao fim da discussão, foi possível perceber uma série de semelhanças morfossintáticas entre os classificadores analisados, como esperado pelos parâmetros de Aikhenvald (2000) para este tipo de artifício. São algumas destas a possibilidade de uma mesma raiz tomar diferentes classificadores, a função anafórica desempenhada por estes e a delimitação do escopo semântico das raízes aos quais são atribuídos. Entretanto, fica clara a diversidade de níveis de gramaticalização, mesmo entre classificadores de uma mesma língua. Alguns parecem ser o que licencia a existência dos nominais, enquanto outros aparecem formando composições com raízes.

No terceiro capítulo, foi discutido o quadro teórico que guiou esta investigação. Ao partir de uma perspectiva gerativista na qual unidades do tamanho de palavras e unidades do tamanho de sentenças são manipuladas pelo mesmo componente gerativo, é

possível observar mais claramente as aproximações e afastamentos entre as diferentes manifestações de categorização nominal nas línguas. Isto se dá por partirmos do pressuposto de que: se há restrições notadas interlinguisticamente às ocorrências de classificadores, deve ser possível explicá-las como reflexos das condições impostas pela GU. Por conseguinte, torna-se mais viável a tarefa de reduzir a infinidade de categorias semânticas, atribuídas aos sistemas de classificação nominal, a um número finito de informações abstratas disponíveis no componente computacional. Isso seria menos possível se estivéssemos levando a cabo uma análise pautada em modelos que adotam um componente lexical inundado de idiossincrasias, que acaba por deixar de lado uma infinidade de fenômenos morfológicos.

No quarto capítulo dispomos de nossa análise de dados. Retomando a discussão acerca das categorias semânticas realizada no primeiro capítulo, as línguas analisadas por Allan (1977) e Croft (1994) e aquelas contempladas nesta pesquisa pareceram demonstrar consistentemente uma ruptura entre entes inanimados unidimensionais e entes inanimados multidimensionais, assim como a existência de classificadores que dificilmente podem ser compreendidos como detentores de dimensionalidade.

Para dar conta desta observação propusemos o traço [\pm SÓLIDO], que dá conta da dimensionalidade percebida pelos autores previamente citados. Aos itens dotados de mensurabilidade e estaticidade, pressupõe-se dimensionalidade. Portanto, adotam o traço de [+SÓLIDO]. Entre estes, faz-se a distinção ainda de classificadores dotados apenas uma dimensão, compreendidos como manifestações de um traço [-VOLUME]; e classificadores que passam noções de tridimensionalidade, que acarreta outras noções como funcionalidade e movimento independente, aos quais atribuiu-se [+VOLUME]. Já os classificadores que imprimem uma fluidez inerente, sem forma estática e com algum aspecto incontável, são atribuídos ao traço [-SÓLIDO]. Este tem ainda um nóculo filho: [\pm CONTIDO]. Caso o traço seja atribuído um valor positivo [+CONTIDO], entende-se que a fluidez imputada pelo [-SÓLIDO] é delimitada de alguma maneira. É este o caso de classificadores que denotam ideias como *rio*. O valor negativo [-CONTIDO], compreende fenômenos que correm livremente, sem possibilidade de serem contidos. É este o caso de classificadores para *líquido*, encontrado no Mamaindê, e *fumaça*, achado no Tariana, por exemplo. Após estabelecer os traços e organizá-los em uma geometria, buscamos aplicar a geometria de traços para cada uma das línguas que compõem o *corpus*, com vias de testar a proposta feita em seu poder explicativo.

Por seu caráter inaugural, esta pesquisa deixa mais questionamentos do que respostas. Dado o pouco estudo de classificadores dentro do quadro teórico da MD, percebemos espaço para explorar diferentes aspectos de seu funcionamento em pesquisas futuras. A primeira questão que deixamos diz respeito ao domínio de concatenação do classificador em relação à raiz. Como fora observado em §2.5, alguns classificadores parecem estabelecer relações mais íntimas com suas raízes que outros. Enquanto os classificadores do Munduruku funcionam em uma estrutura quase de composição com as raízes, nas quais mantém alguma independência morfofonológica, aqueles do Mamaindê muitas vezes parecem ser o que dão às raízes a condição de nominal, individuando-as. Portanto, o domínio de concatenação dos classificadores parece variar em termos de raiz e palavra.

Também é de interesse para futuras pesquisas a investigação esmiuçada da interação entre [CLASS] e os outros traços envolvidos no nódulo de individuação.

Ademais, em algumas línguas desta monografia, como o Mamaindê, os classificadores assumem o papel de nominalizador. Posto isso, cabe a futuras pesquisas investigar se, em algumas situações, os classificadores seriam o próprio *spell-out* do morfema categorizador [*n*]. Em consequência, outro ponto a ser compreendido diz respeito à inserção vocabular desses morfemas e como ela ocorre.

Por fim, a geometria de traços proposta por esta monografia deve ser aplicada em um número maior de línguas, contemplando os mesmos e outros agrupamentos genéticos, a fim de aprimorá-la e continuamente atestar sua validade explicativa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Stela Azevedo; HUGH-JONES, Stephen; CABALZAR, Aloisio. Kotiria. [s. l.], **Instituto Socioambiental**, 2021. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kotiria>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Classifiers in Tariana. **Anthropological Linguistics**, Bloomington, v. 36, n. 4, p. 407-465, 1994.

AIKHENVALD, A. Y. **Classifiers**: A typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford University Press, 2000.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ALLAN, Keith. Classifiers. **Language**, Washington, v. 73, n. 2, p. 285-311, jun. 1997.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; NÓBREGA, Vitor Augusto. Lista 3: Enciclopédia. SCHER, A. P.; BASSANI, I. S.; ARMELIN, P. R. (orgs.). **Manual de Morfologia Distribuída**. [s. l.]: Editora Abralín, 2023. p. 129-160.

BAKER, Mark Cleland. **The Atoms of Language**. 1. ed. New York: Basic Books, 2001.

BAKER, Mark Cleland. Formal Generative Typology. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. (ed.) **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 285-312.

BELO, Edney Alexandre de Oliveira. **Os classificadores em línguas amazônicas e na família Nambikwara**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

CHACON, Thiago Costa. A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 80, n. 3, p. 275-322, Jul. 2014.

CHACON, Thiago Costa; CAYÓN, Luís. Considerações sobre a exogamia linguística no Noroeste Amazônico. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1/2, p. 6-20, dez. 2013.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. *In*: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (eds.) **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn & Co, 1970.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**, New York, v. 2, p. 225-252, 1985.

COUTINHO-SILVA, Thiago. **Por dentro dos nomes: A morfologia nominal em Kotiria (Tukano Oriental)**. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CROFT, William. Semantic universals in classifier systems. **Word**, New York, v. 45, n. 2, p. 145-171, 1994.

CROFTS, Marjorie. **Gramática Munduruku**. Tradução Mary I. Daniel. Cuiabá: SIL, 1973.

CYRINO, João Paulo Lazzarini. Morfologia Distribuída: origens e motivações. *In*: SCHER, A. P.; BASSANI, I. S.; ARMELIN, P. R. (orgs.). **Manual de Morfologia Distribuída**. [s. l.]: Editora Abralín, 2023. p. 33-58.

EBERHARD, David. **Mamaindê grammar: A Northern Nambikwara language and its cultural context**. Utrecht: LOT Publications, 2009.

EBERHARD, D. Os classificadores nominais da língua mamaindê. **Llames**, Campinas, v. 22, n. 00, p. e022008, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8668419. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8668419>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

EMBICK, David. **The Morpheme: a theoretical introduction**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015.

EPPS, Patience; MICHAEL, Lev. The Areal Linguistics of Amazonia. *In*: HICKEY, Raymond (ed.). **The Cambridge Handbook of Areal Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 934-963.

EPPS, Patience; SALANOVA, Andrés Pablo. A linguística amazônica hoje. **Llames**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 7-37, 2012. DOI: 10.20396/liames.v0i12.1481. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1481>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ETHNOLOGUE. Wanano. Dallas, SIL, 2023. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/language/gvc/>>. Acesso em: 05 ago. 2023

FUNAI; PPTAL; GLTZ (orgs.). **Levantamento Etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku**. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008. Disponível em: <http://cggamgati.funai.gov.br/files/8314/8829/4911/munduruku_pt.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GOMES, Dionei Moreira. **Estudo morfológico e sintático da língua mundurukú (tupí)**. 2006. 319 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____, D. M. Classificação nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia. **Llames**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 7-25, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1461>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

_____, Dionei Moreira. Sintagma Nominal, Verbal e Posposicional em Mundurukú (Tupí): possível isomorfismo. *In*: QUEIXALÓS, Francisc; Gomes, Dionei Moreira (orgs.). **O Sintagma Nominal em Línguas Amazônicas**. Campinas: Pontes, 2016. p. 263-290.

_____, Dionei Moreira. Postpositions in Munduruku (Tupi): formal and functional features. **Forma y Función**, Bogotá, v. 32, n. 2, p. 109-150, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/formayfuncion/article/view/80817>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GREENBERG, Joseph Harold. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In*: GREENBERG, Joseph Harold (ed.). **Universals of language**. 2. ed. Massachusetts: MIT Press. 1966. p. 73-113.

GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: Towards a comparison. **Linguistic Typology**, Oxford, v. 8, n. 2, p. 243-285, 2004.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. *In*: HALE, K.; KEYSER, J. (eds.) **The view from the building**. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. **MIT Working Papers in Linguistics**, Cambridge, v. 21, p. 275-288, 1994.

HARLEY, Heidi. Hug a Tree: Deriving the Morphosyntactic Feature Hierarchy. **MIT Working Papers in Linguistics**, Cambridge, v. 21, p. 289-320, 1994.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. State-of-the-Article: Distributed Morphology. **GLot**, Boston, v. 4, n. 4, p. 3-9, abr. 1999.

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and Number in Pronouns: A Feature-Geometric Analysis. **Language**, Washington, v. 78, n. 3, p. 482-526, 2002.

HILL, Jonathan D.; SANTOS-GRANERO, Fernando. Introduction. *In*: HILL, Jonathan D.; SANTOS-GRANERO, Fernando (eds.). **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia**. Chicago: University of Illinois Press, 2002.

HOMOLOGADA a Terra Indígena Munduruku. Site da Funai, Brasília, 27 fev. 2004. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/11177>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Tradução Rosa Freire D’Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LIEBER, R. **Deconstructing morphology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

LOWE, Ivan. Nambiquara. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.) **The Amazonian Languages**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 269-291.

MARANTZ, Alec. “**Cat**” as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology. [S. l.]: [s. n.], 1996. Disponível em: <https://www.academia.edu/17275409/Cat_as_a_phrasal_idiom>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don’t Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. **U. Penn Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MARTINES, George Verges. **Aspectos semânticos dos nomes classificados em Munduruku**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MILLER, Joana. Carteira de Alteridade: transformações Mamaindê (Nambiquara). **MANA**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 553-585, 2015.

MINUSSI, Rafael Dias. Lista 1: traços, raízes e categorização. *In*: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. **Manual de Morfologia Distribuída**. [s. l.]: Editora Abralín, 2023. p. 60-94.

PAYNE, Thomas, E. Morphological Typology. *In*: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. **The Cambridge Handbook of Linguistic Typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 78-94.

RAMOS, André. Munduruku. **Povos Indígenas do Brasil**, Instituto Socioambiental, [s. l.], 2021. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

REESINK, Edwin. Os Sabanê e os povos do Nambikwara do Norte: etnohistórias das ruínas da história e de recriações tardias. **Tellus**, [S. l.], n. 29, p. 113–133, 2016. DOI: 10.20435/tellus.v0i29.341. Disponível em: <<https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/341>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____, Aryon Dall'Igna. Tupí. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.) **The Amazonian Languages**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.

_____, Aryon Dall'Igna. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. *In*: QUEIXALÓS, Francisc; RENAULT-LESCURE, Odile (eds.). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2000. p. 15-28.

_____, Aryon Dall'Igna. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 267-277, dez. 2012.

_____, Cilene. Ciência e Gramática Gerativa & ciência da Gramática Gerativa. *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. **Chomsky: a reinvenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

ROSA, Maria Carlota. Um lugar para a Morfologia. *In*: ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 23-117

STENZEL, Kristine Sue. **A Reference Grammar of Wanano**. 2004. 452 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Colorado, Boulder, 2004.

STENZEL, K. S. . Algumas 'joias' tipológicas de Kotiria (Tukano Oriental). **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [s. l.], v. 7, p. 16, 2009.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; CARVALHO, Janayna; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. Lista 2: Vocabulário. *In*: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. **Manual de Morfologia Distribuída**. [s. l.]: Editora Abralín, 2023. p. 95-127.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Morfologia em Morfologia Distribuída. **Estudos Linguísticos e literários**, Salvador, n. 47, p. 9-29, jan.-jun. 2013.

SCHER, Ana Paula. Morfologia Distribuída: formação de palavras na sintaxe. FIORIN, José Luiz (org.). **Novos caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 37-59.

TELLES, Stella. **Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê**. Vrije Universiteit: Amsterdam, 2002.

ANEXOS

ANEXO A - Classificadores nominais de Mamaindê

Classificador	Significado	Exemplos
/-soʔka/	‘human/animate’	<p><Paulo>-soʔkã Paulo-NCL.HUM</p> <p>mamãinsa-toʔ-soʔki-tu Mamaindê-AUTH-NCL.HUM-FNS A true Mamaindê person</p>
/-k ^h u/	‘land’	<p><Brasil>- k^hu-tu Brazil-NCL.LAND-FNS ‘Brasil’</p> <p>taiʔka-k^hu-tu stone.column-NCL.LAND-FNS proper name for the region around a sacred mountain</p> <p>nũsa-halo-k^hu PS1.PL-land-NCL.LAND our land</p>
/-t ^h ĩn / /-nĩn/	‘dwelling/village’	<p>tã-t^hĩn-tu lay-down-DL.DWELLING-FNS Dwelling where he/she is sleeping</p> <p>ten-t^hĩn-tu old-NCL.DWELLING-FNS old house</p> <p>ju-k^hoʔ-t^hĩn-tu edge-hang-NCL.VILLAGE-FNS village hanging on the edge</p>
/-weh/	‘river’	<p>tu-kwã-weh-tu get-bring-NCL.RIVER-FNS The river that brings/Cabaxi River</p>

<p><i>/-sg/</i> <i>/-jg/</i> <i>/-na/</i></p>	<p>‘speech/liquid/ gas/sound/air’</p>	<p>na-haiʔka-toʔ-sa-tu PS3-word-AUTH-NCL.LIQUID/SPEECH-FNS His true speech</p> <p>lauʔnũn-sa-tu dizzy-NCL.LIQUID-FNS Dizzy drink/alcoholic beverage</p> <p>set-a-sa-tu speak-GNT-NCL.SPEECH-FNS speech</p> <p>kalolo-sa-tu thunder-NCL.SOUND-FNS thunder</p> <p>ʔik-sa-tu blow-NCL.WIND-FNS the wind</p>
---	---	--

<i>-kalo</i>	‘flat’	ih-kalu-tu run-NCL.FLAT-FNS running flat thing/vehicle
<i>-t^hãn?</i>	‘leaflike’	kaʔjãinʔ-t ^h ãnʔ-tu write-NCL.LEAFLIKE-FNS writing leaf/paper
<i>-kanĩn</i>	‘round/spherical’	lah-kanĩn-tu new-NCL.ROUND-FNS new round thing = infant
<i>-k^hatʔ</i>	‘sticklike’	hiuti-k ^h atʔ-tu tree-NCL.STICKLIKE-FNS tree trunk/stick/piece of wood kanik-k ^h at-tu disease-NCL.STICKLIKE-FNS disease
<i>-t^hũ</i> <i>-nũ</i>	‘powder/paste/ granulated’	jaʔk-ã-oʔ-t ^h ũ-tu peccary-GNT-pound-NCL.POWDER-FNS pounded meal of peccary and manioc sakĩnʔ-nũ-tu sand-NCL.POWDER-FNS sand
<i>-teh</i> <i>-leh</i>	‘string/road’	lan-teh-tu full.of.liquid-NCL.STRING-FNS string/road full of liquid (veins) ten-leh-tu old-NCL.ROAD-FNS old road wakinʔ na-wasainʔ-leh-tu shaman PS3-stuff-NCL.ROAD-FNS the shamans road stuff/spirit stuff

<i>-t^hã</i>	‘group/place/ unspecified/ abstract thing/ nominalized verb’	<p>ta-wãin-t^hã PS1-be.many-NCL.GROUP my group/my family</p> <p>na-jau-t^hã-tu PS3-stay-NCL.PLACE-FNS place where he/she is staying</p> <p>nūsa-ʔjaih-t^hã PS1.PL-SAD-NCL.THING-FNS our sadness</p>
<i>-si</i>	‘people group’	<p>walek-si-tu be.unintelligible-NCL.PEOPLE-FNS the people who are unintelligible (refers to all Southern Nambikwara)</p>
<i>-ki</i>	‘plant/animal/ life’	<p>mãin-ki-tu cashew-NCL.PLANT-FNS cashew</p>
<i>-kunʔ</i>	‘edge/bank’	<p>naho-kunʔ-tu water-NCL.BANK-FNS riverbank</p>
<i>-na</i>	‘area/space’	<p>taʔwen-na-tu forest-NCL.AREA-FNS the area of the forest</p>
<i>-hen</i>	‘time’	<p>waʔjona-hen-tu menstruate-NCL.TIME-FNS the time of menstruation</p>
<i>-sen</i> <i>-len</i> <i>-k^hen</i>	‘container’	<p>ʔoha-wã-sen-tu high-come-NCL.CONTAINER-FNS high coming container/airplane</p> <p>siu-len-tu basket-NCL.CONTAINER.FNS basket</p> <p>wanini-k^hen-tu revolve-NCL.CONTAINER-FNS bicycle</p>

<i>-tunni</i>	‘black’	jañan-tunni-tu jaguar-NCL.BLACK.FNS black jaguar
<i>-ei?ni</i>	‘tawny’	jañan-ei?ni-tu jaguar-NCL.TAWNY.FNS tawny jaguar
<i>-kalokalon</i>	‘spotted’	jañan-kalokalon-tu jaguar-NCL.SPOTTED.FNS spotted jaguar
<i>-ĩu</i>	‘stutterer’	jaho-ĩu-tu old.man-NCL.STUTTERER-FNS an old man who stutters
<i>-hahau</i>	‘dwarfish’	ta?lohna-hahau-ta-tu old.woman-NCL.DWARFISH-FEM-FNS the old dwarfish woman
<i>-k^hut^hi</i>	‘cripple’	jahon-k ^h ut ^h i-tu ³³⁵ old.man-NCL.CRIPPLE-FNS the old crippled man

Fonte: Adaptado de Eberhard (2009, 2022)

ANEXO B - Classificadores em Kotiria

CLASSIFICADOR	SIGNIFICADO
<i>ka'saro</i>	algo flexível que cobre, uma casca, uma pele.
<i>p̃u</i>	uma folha
<i>po'karo</i>	fragmento, partícula como farinha ou serragem
<i>chubi</i>	um ser com pelo enrolado
<i>siõ</i>	uma inclinação, uma árvore na diagonal
<i>tu'cu</i>	uma ondulação, um rio curvo, um caminho sinuoso, uma cobra
<i>yawi</i>	forma de um anzol, algo curvo
<i>yɨdɨ</i>	um entalhe onde não deve estar (um corte no dedo)
<i>khoa</i>	redondo e plano, uma moeda, um pedaço de remo (a pá)
<i>so'o</i>	retangular (arredondado nas pontas)
<i>thewa</i>	forma grande e arredondada (usado como chacota)
<i>tɨ</i>	redondo e plano (um disco)
<i>tunu</i>	redondo circular que gira
<i>wakhkuka</i>	um nódulo, um nó na madeira
<i>tunu</i>	forma cilíndrica, uma folha de papel enrolado, um cigarro
<i>ka'sario</i>	formas plana e suspensa
<i>wahpa</i>	forma plana e nivelada, uma rede de volei, lugar para fazer uma casa
<i>phĩ</i>	forma pontiaguda e larga, o bico de uma garça, uma folha de zinco
<i>wahka</i>	dardo de zarabatana, pedaço agudo de pau ou pedra
<i>wi</i>	forma pontiaguda e larga, o bico de uma garça, lábios assobiando
<i>da</i>	forma de uma corda, uma corda
<i>ma</i>	forma quebrada larga, um rio
<i>ma'a</i>	uma forma de um caminho, forma de uma mecha de cabelo
<i>yɨhɨ</i>	forma de ampulheta, um entalhe em um lápis, cintura
<i>tene</i>	algo como uma malha, vazado
<i>site</i>	algo como um tecido manchado
<i>kɨnɨ</i>	um penhasco íngreme, um ângulo
<i>toño</i>	algo colocado transversalmente
<i>kuriaka</i>	um nó em uma árvore, os nós de um bambu, um joelho, um cotovelo
<i>biato</i>	um pote, um recipiente
<i>situ</i>	uma jarra, um vaso
<i>wa'sa</i>	um entalhe, um sulco, uma trincheira
<i>wa'va</i>	um copo
<i>wɨ'tɨ</i>	uma vala, um buraco
<i>bu'u</i>	uma colina, um monte pequeno
<i>karo</i>	forma de uma caixa
<i>piõ</i>	ovalado, um ovo de galinha, uma cabaça
<i>so'toro</i>	forma de cone
<i>-a</i>	forma esférica, uma bola, uma fruta
<i>puhti</i>	forma de uma bolsa, a teta da vaca, um pacote
<i>pɨ'tɨ</i>	forma de uma cesta redonda

<i>yɨbɨ</i>	forma esférica, uma pessoa baixa e gorda
<i>bohta</i>	um poste
<i>tia</i>	forma cilíndrica, uma lanterna, uma pilha, um tronco
<i>ta'ɨa</i>	forma quadrada e grande, um quarto, um cômodo
<i>pa'ɨa</i>	forma de uma caixa plana, pequena e quadrada, um pacote, uma cadeira
<i>-dɨ/-kɨ</i>	a forma de uma árvore, algo alto e parado
<i>-õ</i>	uma palmeira
<i>si</i>	uma sucursal, um pedaço de peixe, um braço amputado
<i>duri</i>	um monte de estacas, paus ou pedras (sem padrão)
<i>bo'to</i>	um grupo de árvores, gente ou animais
<i>kurua</i>	um grupo, um rebanho, um enxame, uma manada
<i>má</i>	um rio
<i>taro</i>	uma lagoa, um lago
<i>su'te</i>	algo peludo, de veludo, uma agrupação de flores
<i>thu</i>	um monte de folhas, um livro
<i>tõho</i>	um cacho de bananas ou de uvas
<i>do'be</i>	algo manchado, o peito de uma codorna
<i>do'ro</i>	algo com desenho, como a pele de uma onça
<i>yɨ'tɨ</i>	algo rajado, a pele de um animal, um peixe rajado

Fonte: Adaptado de Coutinho-Silva (2014)

ANEXO C - Classificadores em Tariana com a mesma forma para todos os contextos

CLASSIFICADORES DE FORMA E FORMATO		
<i>Classificador</i>	<i>Semântica</i>	<i>Exemplo em nominais</i>
<i>-da</i>	objetos redondos	dithi = ‘olho’
<i>-hiwi</i>	objetos longos e finos	itʃa = ‘cabelo’
<i>-ipa</i>	espaço aberto grande	dikaka-pua = ‘bochecha’
<i>-ipu</i>	longo, oco, como um <i>bundle</i>	haiku-pu = ‘tronco’
<i>-ita</i>	objeto inanimado, instrumento	marie = ‘faca’
<i>-ku</i>	pano dobrado	ama-ku = ‘rede (<i>hammock</i>)’
<i>-kwa</i>	superfície plana	enu-kwa = ‘céu’
<i>-kwana</i>	plano	maka-kwana = ‘plano’
<i>-kwema</i>	plano e redondo	marawi-karapi = ‘prato de rapé’
<i>-kha</i>	curvilíneo	kule-kha = ‘linha de pescar’
<i>-khi, -ki</i>	fino e curvado (corda, fita)	maka-khi = ‘corda’
<i>-maka</i>	pano estendido	hitisi-maka = ‘máscara funerária’ (lit. máscara de lágrimas)
<i>-mapha</i>	completamente coberto	di-tifnuma = ‘a barba dele’
<i>-na</i>	longo vertical	heku-na = ‘árvore’
<i>-pa</i>	grande e longo	pesanini-pa = ‘escada’
<i>-peku</i>	comprimento fino	leka-peku = ‘um pedaço quebrado alongado’
<i>-pi</i>	longo, fino, vertical; um ciclo de tempo	deri-pi = ‘bananeira’
<i>-pukwi</i>	redondo e oco	episi-pukwi = ‘anel de metal’
<i>-puna</i>	pedaço de estrada, estrada	karaka-hwya-puna = ‘pista de aterrisagem’
<i>-phe</i>	como uma folha	dina-phi = ‘pena’
<i>-aphi</i>	menor, oco	surupe-phi = ‘pote de barro’
<i>-hwi</i>	partículas, objetos pequenos e finos	iwi = ‘grão de sal’
<i>-yawa</i>	buracos	hala-yawa = ‘buraco’; di-thaku-yawa = ‘narinas dele’
CLASSIFICADORES COM CARA DE QUANTIFICADOR		
<i>Classificador</i>	<i>Semântica</i>	<i>Exemplo em nominais</i>
<i>-(i)tʃi</i>	pacote	deritʃi = ‘pacote de banana’
<i>-ima</i>	um objeto em par; um lado de dois	diphema = ‘asa (de um inseto)’
<i>-iphina</i>	um quarto de algo	pethe-iphina = ‘um quarto de pão de mandioca’
<i>-pada</i>	pedaço (cortado uniformemente)	maka-pada = ‘metade’
<i>-piu, -pio, -pia</i>	tempo	pa:-piu, pa:-pio; pa:-pia = ‘uma vez’
<i>-sawa</i>	grupo	mare-sawa = ‘um grupo de pássaros’

-yami	pedaço (cortado sem uniformidade ou arrancado)	yarumakasi-yami = ‘pedaço de tecido’
CLASSIFICADORES DE FUNÇÃO		
<i>Classificador</i>	<i>Semântica</i>	<i>Exemplo em nominais</i>
-dapana	habitação	ditape-dapana = ‘hospital’
-whya	canoa, transporte	ita-whya = ‘canoa’; ka-koloka-whya = ‘carro’
-anhi	linha de música	makanhe = ‘linha de uma música’
CLASSIFICADORES ESPECÍFICOS		
<i>Classificador</i>	<i>Semântica</i>	<i>Exemplo em nominais</i>
-dawa	canto, espaço limitado	maka-dawa = ‘quarto, ainda parte de um rio’; karisana-dawa = ‘parte de um lago com água estagnada’
-depita	noite	kadawa-depita = ‘noite escura’
-hipita	terra	wa-ya-hipita = ‘nossa terra’
-ithi	semente	ithi = ‘semente’; iwi = ‘grão de sal’
-iwai	armadilha, parede	nehpaniwai = ‘uma armadilha feita’
-kada	um dia	pa:-kada = ‘um dia’
-kairathe	um amontoado de pedras	hipada-kairathe = ‘amontoado de pedras’
-kawa	perna, algo como uma perna, alça	huni-kawa = ‘tronco de mandioca’
-kena	galho	heku-kena = ‘galho de árvore’
kiyere, -kyere	ilha	maka-kyere = ‘uma ilha grande’
-kuda	tronco	heku-kuda = ‘tronco de árvore’
-kuda-mi	tronco cortado	heku-kuda-mi = ‘tronco de árvore cortado’
-kuma	como fumaça; costume; nível (geração; andar (de uma casa))	isa-kuma = ‘fumaça de fogo’; pedale-kuma = ‘costume de pessoas velhas’
-kuya	parte estendida	maka-kuya – ‘parte estendida de um rio’
-kuthe	pão de mandioca	pethe, paithe = ‘pão de mandioca’
-kuru	névoa ou fumaça	haria-kuru = ‘fumaça branca’
-khay, khe	floresta densa	eyawa-khay = ‘floresta densa’
-lima	lugar com um certo tipo de planta	yeka-lima = ‘lugar onde seringueiras crescem’
-nai	lago	maka-nai = ‘lago’
-naki	alça longa	papiuni-naki = ‘uma vassoura’
-numa(na)	palavra, língua	pa:-numa(na) = ‘uma palavra, uma língua’
-ñapi	osso	di-weda-ñapi = ‘a mandíbula dele, o queixo dele’
-nhe	verso, linha	pamuña-nhe = ‘um verso no meio (de uma música)’
-patawa	desfiladeiro	maka-patawa = ‘desfiladeiro’

<i>-peda</i>	arbusto baixo, pequeno amontado	panaphe-peda = ‘pequeno amontado de folhas’
<i>-pida</i>	coroa e galhos de uma árvore	heku di-pha-ni-pida = ‘coroa e galhos caídos de uma árvore’
<i>-pina</i>	pântano	maka-pina = ‘pântano’
<i>-pua</i>	rio	u:ni = ‘rio’
<i>-purikuda</i>	montanha	kadidoko-purikuda = ‘montanha de areia’
<i>-pukuda</i>	arbusto	hunay-pukuda = ‘arbusto de mandioca’
<i>-pukuipe</i>	virada	u:ni-pukuipe = ‘uma virada de um rio’
<i>-pusita</i>	clareira	neritʃiripusita = ‘uma clareira grande’
<i>-taku</i>	ponto final	mawali-taku = ‘ponto da cobra’ (nome de lugar)
<i>-turapa</i>	cone	maka-turapa = ‘cone’
<i>-the</i>	nó	maka-the = ‘nó’
<i>-ithepu</i>	arco	yawithepu = ‘arco’
<i>-thiwa</i>	ravina	maka-thiwa = ‘ravina’
<i>-wa</i>	amontoado	paria-wa = ‘amontoado de cinzas’
<i>-wata</i>	cheio de (em inglês, -ful)	nu-numa-wata = ‘minha boca cheia’
<i>-wathe</i>	junta ou articulação	nu-kawa-wathe = ‘meu joelho’
<i>-wi</i>	armadilha	yarukana-wi = ‘tipo de armadilha’
<i>-wina</i>	pilha	iha-wina = ‘pilha de excrementos’
<i>-yapi</i>	espaço de tempo	kamu-yapi = ‘um ano’

Fonte: Adaptado de Aikhenvald (2003, p. 89-92, tradução nossa)